



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE CAMPUS FORTALEZA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

ANTONIO ARICLENES CASSIANO DA COSTA

**ARTE URBANA E FORMAÇÃO ESTÉTICA:
A EXPERIÊNCIA COM O COLETIVO ARIES**

FORTALEZA-CE

2020

ANTONIO ARICLENES CASSIANO DA COSTA

ARTE URBANA E FORMAÇÃO ESTÉTICA:
A EXPERIÊNCIA COM O COLETIVO ARIES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE – Campus Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, Área de concentração: Artes.

Orientador: Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales.

FORTALEZA-CE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C837a Costa, Antônio Ariclens Cassiano da.
Arte urbana e formação estética : a experiência com o Coletivo Aries / Antônio Ariclens Cassiano da Costa. - 2020.
126 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Artes, Campus Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales.
1. Arte urbana. 2. Coletivo Aries. 3. Pesquisa-ação. 4. Formação estética. 5. Experiência.
I. Título.

CDD 700

ANTONIO ARICLENES CASSIANO DA COSTA

ARTE URBANA E FORMAÇÃO ESTÉTICA:
A EXPERIÊNCIA COM O COLETIVO ARIES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE – Campus Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Artes.

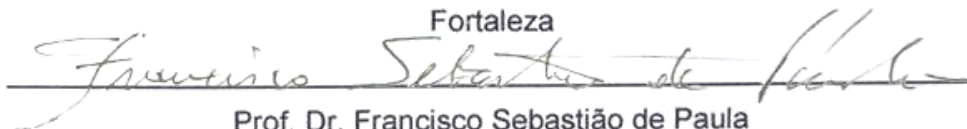
Aprovado (a) em: 06 / 02 / 2020.

BANCA EXAMINADORA



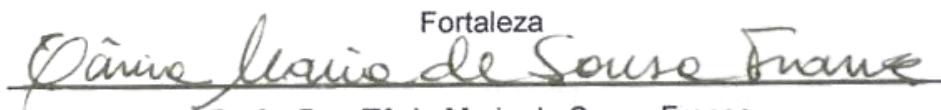
Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – Campus
Fortaleza



Prof. Dr. Francisco Sebastião de Paula

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus
Fortaleza



Profa. Dra. Tânia Maria de Sousa França

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus.

À minha mãe.

Aos meus mestres.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

À minha mãe, a senhora Marilene Cassiano da Costa, por todo amor, cuidado e atenção. Sem ela, nada seria possível!

Aos meus irmãos Jhonatan e Joisse e ao meu pai, o senhor Francisco Edvando da Costa, pelo incentivo direto e indireto.

Ao Deryck, meu querido sobrinho, pelos momentos de felicidade a mim proporcionados nos desenhos de dinossauros e criaturas fantásticas e no bom uso das cores por ele criadas.

Ao Coletivo Aries, nas pessoas de Nando, Tistu, Grizz, Marília e Gleyce, pela gentileza, sutileza, destreza e por todo amor que imprimiram em todo o nosso percurso.

Aos amigos e colegas de estudo, em especial, Mírian Rocha, George Hudson e Eloilma Moura, que me acompanharam durante esta pesquisa de mestrado, que vivenciaram comigo os desafios e me ajudaram a vencê-los. Agradeço o carinho, o apoio, o acolhimento, a paciência, os conselhos, os ensinamentos, as palavras motivadoras.

Ao meu orientador, Dr. José Albio Moreira de Sales, que, com todo seu conhecimento e sapiência, soube me conduzir e dar suporte ao longo desse caminhar.

Aos componentes da banca examinadora. À Dr^a Tânia Maria de Sousa França e ao Dr. Francisco Sebastião de Paula, por todo o aporte para que esta pesquisa se tornasse possível e, principalmente, por terem sido tão afetuosos na partilha.

Aos professores do programa de mestrado do IFCE, que muito contribuíram com minha formação acadêmica, agradeço os ensinamentos, as orientações, as lições de vida, os risos, a atenção. Vocês são verdadeiros mestres.

“É justamente o caráter *não-verbal* da comunicação artística que constitui o motivo concreto da arte ser tão acessível e não exigir a erudição das pessoas para ser entendida. Exige inteligência, sim, e sempre sensibilidade” (OSTROWER, 2013, p.28).

RESUMO

Na contemporaneidade, a Arte Urbana vem sendo praticada em todo o mundo e tem tomado impulso nas principais cidades do Brasil. Seja por meio de grupos, seja individualmente, os artistas visuais interferem na paisagem urbana, especialmente em lugares que necessitam de uma requalificação. Com o intuito de trabalhar tais conceitos nesta pesquisa de mestrado, dentro da linha Ensino e Aprendizagem em Artes, surgiu o Coletivo Aries, grupo de jovens voluntários ávidos por trilhar um percurso de formação estética em artes visuais na cidade de Pacatuba, município da Região Metropolitana de Fortaleza. Tivemos como objetivo geral deste estudo investigar como este coletivo construiu um percurso de formação estética. A nossa concepção metodológica firmou-se na modalidade da pesquisa-ação. Nesse caminhar, fomos retomando aspectos de nossa trajetória acadêmica em busca de compreender como e o que fazer para trabalhar arte em um contexto não formal. Fontes bibliográficas sobre o ensino de arte (Barbosa, 2002 e 2010), Arte Urbana (Pallamin, 2000; Vaz, 2013), metodologia (Thiollent, 2003 e Dias e Irwin 2013), entre outras, auxiliaram na contextualização do objeto e suas problemáticas. A Arte Urbana protagonizada pelo Coletivo, através de intervenções de artes visuais em comunidades do município de Pacatuba, acabou por redescobrir espaços até então invisíveis, dando a eles um novo aspecto, tornando-os possibilidades. Porém, mais importante que isso foi o percurso trilhado, os novos olhares, os aprendizados, os ensinamentos e, principalmente, a aliança entre eles. As ações realizadas pelo Aries, por intermédio de seu processo de formação estética, contribuíram de maneira significativa para a melhoria da qualidade visual de espaços urbanos das comunidades nas quais atuaram. Ao apresentarmos a experiência do grupo, demonstramos aspectos da criação, das possibilidades educacionais vistas para além dos muros da escola, fazendo-nos pensar/refletir sobre como aprofundar esses conhecimentos em arte, ampliando assim sua diversidade.

Palavras-chave: Arte Urbana. Coletivo Aries. Pesquisa-Ação. Formação Estética. Experiência.

ABSTRACT

Nowadays, Urban Art has been practiced all over the world and has gained momentum in the main cities in Brazil. Whether through groups or individually, visual artists interfere in the urban landscape, especially in places that need rehabilitation. In order to work on these concepts in this master's research, within the line of Teaching and Learning in Arts, the Aries Collective emerged, a group of young volunteers eager to follow a path of aesthetic training in visual arts in the city of Pacatuba, municipality of the Metropolitan Region from Fortaleza. The general objective of this study was to investigate how this collective built an aesthetic formation path. Our methodological conception was established in the form of action research. In this journey, we resumed aspects of our academic trajectory in an attempt to understand how and what to do to work art in a non-formal context. Bibliographical sources on art teaching (Barbosa, 2002 and 2010), Urban Art (Pallamin, 2000; Vaz, 2013), methodology (Thiollent, 2003 and Dias and Irwin 2013), among others, helped to contextualize the object and its problems. Urban Art led by the Collective, through interventions of visual arts in communities in the municipality of Pacatuba, ended up rediscovering hitherto invisible spaces, giving them a new aspect, making them possibilities. However, more important than that was the path followed, the new looks, the learnings, the teachings and, mainly, the alliance between them. The actions carried out by Aries, through its aesthetic formation process, contributed significantly to the improvement of the visual quality of urban spaces in the communities in which they operated. By presenting the group's experience, we demonstrate aspects of creation, of the educational possibilities seen beyond the school walls, making us think / reflect on how to deepen this knowledge in art, thus expanding its diversity.

Keywords: Urban Art. Collective Aries. Action Research. Aesthetic Training. Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Sem título - Instalação	23
Figura 2 — Alunos do Ensino Fundamental em diálogo sobre arte contemporânea.	24
Figura 3 — Alunos do Ensino Médio em disciplina eletiva de Desenho e Pintura.....	25
Figura 4 — Fran – pintura em tela com tinta acrílica, autor: Ariclones Cassiano	26
Figura 5 — Coletivo Aries em Proposição I.....	38
Figura 6 — Coletivo Aries em Proposição II.....	39
Figura 7 — Parte do Coletivo Aries em Proposição III	40
Figura 8 — Coletivo Aries em Proposição IV	41
Figura 9 — Coletivo Aries em Proposição V	42
Figura 10 — Coletivo Aries em Proposição VI	43
Figura 11 — Estêncil símbolo do Coletivo Aries.....	45
Figura 12 — Participantes do Coletivo Aries. Da esquerda para direita: Renan (Grizz), Lucas (Tistu), Marília, Ariclones, Anderson (Nando) e Gleyce.	47
Figura 13 — Nando e Marília, os primeiros a chegar.	52
Figura 14 — Caderno de Artista produzido pelo Coletivo Aries	54
Figura 15 — Capa do livro Banksy: Guerra e spray	56
Figura 16 — Parte do grupo reunido sobre tecido estampado	57
Figura 17 — Cadernos de artistas produzidos pelo Coletivo.....	58
Figura 18 — Kit com materiais artísticos	59
Figura 19 — Integrante do Coletivo desenhando na Praça da Igreja Matriz	62
Figura 20 — Pintando o círculo cromático.....	63
Figura 21 — Pintura de blusa com estêncil	64
Figura 22 — Registro do Coletivo na Proposição III.....	65
Figura 23 — Sereia: Desenho de criança colado em meu caderno de artista.....	66
Figura 24 — Calda de Sereia por Marília	67
Figura 25 — Lucas e eu, debatendo elementos estéticos do trabalho em curso	72
Figura 26 — Gleyce, pintando em volta da abertura do tanque.	73
Figura 27 — Foto do perfil do candidato a Conselheiro Tutelar de Pacatuba	75
Figura 28 — Matéria sobre o Coletivo Aries no O Povo	76
Figura 29 — Pintura concluída	77
Figura 30 — Print 1 – Antes do Coletivo.....	78
Figura 31 — Print 2 –Depois do Coletivo.....	78

Figura 32 — Encontro com a avó do Renan para o almoço.....	79
Figura 33 — Coletivo Aries na Praça da Fonte, em Pacatuba.	81
Figura 34 — Croqui 1 do Nando.....	82
Figura 35 — Croqui 2 do Nando.....	83
Figura 36 — Croqui Renan.....	85
Figura 37 — Tistu na escada.	87
Figura 38 — Limpando o local.....	88
Figura 39 — Biel experimentando materiais.....	90
Figura 40 — Almoço em grupo.....	91
Figura 41 — Espectador da obra	93
Figura 42 — Jovem em frente à estrutura com trabalho do Coletivo Aries	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 RASCUNHO DE UM ARTISTA-PROFESSOR-PESQUISADOR	19
1.1 O artista-professor-pesquisador	26
1.2 Espaços de educação não formal	28
2 DO RASCUNHO AO DESENHO	31
2.1 A ideia de Proposição.....	37
2.2 O Coletivo Aries	44
2.3 Abordagem Triangular, Pesquisa-Ação e A/r/tografia: a construção de uma metodologia.....	48
3 DO DESENHO À PINTURA	51
3.1 Proposição I	52
3.2 Proposição II	59
3.3 Proposição III	65
3.4 Proposição IV	71
3.5 Proposição V	80
3.6 Proposição VI	86
3.7 Proposição VII	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	106
ANEXO A — MATÉRIA DE JORNAL SOBRE O COLETIVO ARIES NO PACA ONLINE	107
ANEXO B — MATÉRIA DE JORNAL SOBRE O COLETIVO ARIES NO O POVO.....	108
ANEXO C — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – GLEYCE	109
ANEXO D — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM - MARÍLIA.....	110
ANEXO E — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – RENAN (GRIZZ)	111

ANEXO F — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – LUCAS (TISTU)	112
ANEXO G — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – ANDERSON (NANDO)....	113
ANEXO H — CAPAS DOS CADERNOS DE ARTISTA DOS INTEGRANTES DO COLETIVO ARIES	114
ANEXO I — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE NANDO	115
ANEXO J — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE RENAN (GRIZZ)	116
ANEXO K — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE MARÍLIA	117
ANEXO L — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE LUCAS (TISTU).....	118
ANEXO M — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE ARICLENES CASSIANO	119
ANEXO N — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE GLEYCE	120
ANEXO O — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 1	121
ANEXO P — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 2.....	122
ANEXO Q — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 3	123
ANEXO R — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 4	124
ANEXO S — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 5.....	125
ANEXO T — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 6.....	126

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a Arte Urbana¹ vem sendo praticada em todo o mundo e tem tomado impulso nas principais cidades do Brasil. Seja por meio de grupos, seja individualmente, os artistas visuais interferem na paisagem urbana, especialmente em lugares que necessitam de uma requalificação. Artistas como Kobra e Banksy e coletivos artísticos como o Meio Fio e Acidum são alguns exemplos dessa forma de produção artística, cujas propostas são intervenções no meio urbano, que trazem as artes visuais para as ruas das cidades com o objetivo de aproximá-la do cotidiano das pessoas.

Nas escolas, nós, professores de Arte, sempre que possível, procuramos colocar nossos alunos em contato com essas ideias e produções. Entretanto, em detrimento do pouco tempo destinado à disciplina nessas instituições de ensino, nem sempre é possível ampliar horizontes de maneira satisfatória e foi assim que surgiu a ideia de trabalhar com Arte Urbana por meio de um coletivo artístico em espaço não escolar. A criação do Coletivo Aries² foi, portanto, fundamental, uma vez que, além de pensarmos e fazermos arte, realizamos um trabalho voluntário com adolescentes da cidade de Pacatuba, município da Região Metropolitana de Fortaleza, promovendo interferência estética na paisagem dos ambientes em que eles transitavam.

Nesse percurso, fomos retomando aspectos de nossa trajetória acadêmica em busca de compreender como e o que fazer para iniciar o processo. Esse raciocínio nos levou a um mergulho em busca de respostas para nossas reflexões (ou indagações) acerca do fazer artístico.

As razões que nos motivaram a realizar esta pesquisa em arte resultam de diálogos sobre ela, em contextos escolares e não escolares, além da prática como professor dessa disciplina na rede estadual de ensino do Ceará e do interesse em

¹ Arte Urbana, [...] arte que ocupa os espaços públicos da cidade, [...] pode ser entendida como um conjunto de transformações ocorridas no circuito da arte a partir da década de 1980, que ficaram conhecidos pelas características do retorno à pintura. (ROCHA et al, 2016, p.208).

² Coletivo de arte fundado em 2018 em Pacatuba/CE, Brasil. É formado por Ariclenes Cassiano, José Anderson (Nando), Gleyce, Lucas Almeida (Tistu), Marília Ribeiro e Renan Barbosa (Grizz).

investigar sobre possibilidades de produção artística em um grupo de jovens unidos pelo desejo de pensar e produzir arte. Esse grupo, intitulado Coletivo Aries, atua no município de Pacatuba e foi criado para fins deste estudo.

Nesse sentido, fontes bibliográficas sobre o ensino de Arte (Barbosa, 2002 e 2010), Arte Urbana (Pallamin, 2000; Vaz, 2013), metodologia (Thiollent, 2003 e Dias e Irwin 2013), entre outros, auxiliaram na contextualização do objeto e de suas problemáticas.

O campo da educação não formal³, por sua liberdade no modo de atuação, e as práticas artísticas denominadas urbanas sempre nos instigaram. Estas, principalmente, pelo caráter diferenciado em relação às demais modalidades artísticas, além de, muitas vezes, tornarem as áreas urbanas mais apreciáveis do ponto de uma poética do espaço, transformando o ambiente e interferindo na qualidade de vida dos moradores do entorno de onde são praticadas, bem como na dos usuários desses locais. Outro aspecto que nos impulsionou para essa ação foi o fato de defendermos uma educação crítica e participativa, porque, através dela, supomos poder contribuir de forma positiva com as transformações necessárias para a melhoria dos espaços e da sociedade em que vivemos.

A ideia inicial de trabalhar com pesquisa em um processo de formação em arte já estava presente no meu⁴ projeto de ingresso no Mestrado. Contudo, o contato com os professores e com os esboços dos colegas, bem como as orientações recebidas, foram me direcionando para ajustes no plano original e resultaram no presente trabalho.

Nas conversas iniciais com o orientador, foram surgindo novos questionamentos e novas possibilidades. As incertezas de como e por onde começar persistiram por um longo tempo de amadurecimento e leituras, que, por vezes, nos inquietaram, até encontrarmos o caminho. E foi no texto de LANCRI (2002) que encontramos a forma ideal para descrever essa etapa, quando ele questiona por onde devemos iniciar uma pesquisa, sustentando a ideia de que o

³ O termo Não Formal será discutido no corpo desse trabalho, aqui ele assume a um caráter mais simplificado, designa apenas a educação em arte realizada fora do ambiente escolar formal.

⁴ O verbo será usado na 1ª. pessoa ao se referir a posicionamentos pessoais e na 3ª pessoa quando se tratar de decisões tomadas com o orientador e demais participantes dessa pesquisa.

ponto ideal de início desse fazer seja simplesmente o meio. A partir de uma vivência naquilo em que acreditamos sermos ignorantes é que buscamos saber mais.

Através dessa ponderação, compreendemos que era possível encontrar essa experiência na nossa prática docente em arte e que ela poderia ser o meio desse início, funcionando como fonte de reflexão e aprendizagem, o ponto de partida para novas descobertas.

Até então, nossas ações vinham se configurando, quase sempre, a partir de concepções de um ensino formal. Apenas após muitas leituras e discussões, passamos a nos aventurar, através desta pesquisa, em um contexto não formal. O próprio pensar sobre a Arte Urbana foi nos conduzindo. As experiências adquiridas em escola pública nos fizeram compreender que nem tudo funciona no chão da sala de aula como gostaríamos e que algumas abordagens artísticas operam bem mais quando trabalhadas seguindo os preceitos de sua própria estética, o que, no caso da Arte Urbana, é a rua. Estas concepções nos instigaram a trabalhar a arte em um contexto não escolar.

As vivências como professor de Arte, no contexto formal, iniciaram-se no ano de 2008, quando comecei a lecionar no Ensino Fundamental, em uma escola particular do município de Pacatuba. Foi a partir desse momento que me deparei com o universo do ensino da arte de maneira mais efetiva. As experiências dentro desse contexto foram as mais diversas e interessantes. Essa escola na qual atuei era um local bastante aconchegante, onde as turmas não eram tão numerosas, o que facilitava o trabalho. A equipe de gestão desse estabelecimento de ensino era formidável, com uma abertura para o novo, o que me permitiu pôr em prática muito do que aprendi na universidade.

Ao ingressar no sistema de ensino estadual, no ano de 2014, após estudar bastante para o concurso que ocorreu em 2013, as demandas começaram a se diversificar, assim como as minhas percepções acerca do universo escolar e artístico. Nesse ano, em detrimento do concurso, a carga horária foi ampliada e, para completar 200 horas mensais entre sala de aula e planejamento, passei a atuar em quatro escolas, situadas em três municípios diferentes, assumindo um total de 27 turmas, uma vez que a carga horária reservada à disciplina de Artes é de apenas 50 minutos no Estado do Ceará.

Se tais práticas pedagógicas estavam sempre a ser pensadas e repensadas, mas poucas vezes escritas, esse foi o contexto ideal para, além de refletir, socializar as inquietações e modificações ocorridas durante esse período, principalmente por adentrar um outro campo de atuação docente: o contexto não formal.

Diante do que foi exposto, tivemos como objetivo geral investigar como o Coletivo Aries, um grupo de jovens do município de Pacatuba, no Ceará, construiu um percurso de formação estética em artes visuais.

Os objetivos específicos que nortearam este trabalho foram:

- Criar e acompanhar um grupo de Arte Urbana;
- Confeccionar cadernos de artista;
- Promover ações de intervenção coletiva de artes visuais em Comunidades do município de Pacatuba;
- Elaborar reflexões sobre o percurso formativo do grupo;
- Produzir um vídeo/documento com síntese de elementos dos processos de trabalhos do Coletivo⁵.

Esta pesquisa justifica-se pela sua importância nas dimensões da vivência que pode propiciar aos jovens do Coletivo Aries, por sua associação teórico/prática, pela valorização da experiência estética, através do uso de procedimentos artísticos contemporâneos, e pelas marcas deixadas na paisagem urbana dos locais modificados pelo fazer artístico do Coletivo.

Ainda que este estudo seja uma novidade no meu fazer profissional, as ações que o impulsionaram são anteriores e ainda se manifestam no meu ambiente de atuação formal. O trabalho que realizamos está em sintonia com a linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem em Artes, por abordar esses processos, entrelaçando-os e refletindo acerca deles.

A relevância desta análise reside também no importante ato de pensar sobre a prática docente artística na contemporaneidade, já que as questões que a envolvem se fazem tão presentes no contexto em que vivemos, permitindo uma grande variedade de posicionamentos. As reflexões realizadas com esta pesquisa

⁵ Usarei o termo “Coletivo” com “C” maiúsculo, para me referir ao Coletivo Aries, grupo artístico formado por jovens do município de Pacatuba-CE.

poderão servir também como aporte para futuros estudos envolvendo o uso da arte em contextos não formais.

Levar criações artísticas até o público que usualmente não tem condições de visitar galerias, museus e outros espaços que abrigam obras e grandes coleções é indispensável para a promoção da valorização da arte e da educação estética. Uma pintura na rua pode não modificar o mundo, mas com certeza pode mudar o olhar do ser que ali transita, tornando-o mais atento, sensível e livre.

Os conceitos de Abordagem Triangular, idealizados por Ana Mae Barbosa, na década de 1980, e associados às questões referentes à pesquisa-ação, subsidiaram as construções metodológicas desta pesquisa. Como estratégia metodológica para a efetivação dos objetivos já mencionados, foi essencial a criação de um grupo de jovens que estivessem dispostos a pensar e fazer arte em um contexto não formal. Assim surgiu o Coletivo Artístico Aries, movido pelo interesse em produções artísticas nas ruas, principalmente.

Os trabalhos artísticos em espaço não escolar enveredaram pelo uso e conceitos da Arte Urbana, já que o local de prática artística estava além dos muros da escola, local onde a educação formal impera. Na busca pela construção de um percurso formativo em arte dentro de um contexto anômalo, já que não contávamos com espaços pré-definidos para os encontros, busquei identificar esses momentos como PROPOSIÇÕES, nomenclatura muito utilizada por Lygia Clark (1920-1988) em vários de seus trabalhos e que, aqui, assume também um caráter inclusivo, uma vez que vai ao encontro da abertura de espaços para diálogos entre os jovens e seus pares, entre a arte e a vida.

Diante das constatações realizadas e em busca de uma leitura mais prazerosa, decidimos organizar esta dissertação em três capítulos.

O capítulo um intitula-se RASCUNHO DE UM ARTISTA-PROFESSOR-PESQUISADOR e versa sobre minha prática artística, docente e acadêmica, bem como seus desdobramentos. Inicia-se com uma reflexão sobre sermos seres em esboço à procura constante por melhorias e correções, a partir da qual, busco em Nóvoa (1995) elementos para analisar a construção da figura do professor. Adiante, trilhei um percurso narrativo com lembranças e ponderações sobre a minha infância com a arte; a adolescência, dividida em Ensino Fundamental e Médio e a fase

adulta, na universidade, ambiente de pesquisa acadêmica, de inquietações e perturbações que me levaram ao universo da sala de aula, onde atualmente me encontro imbrincado entre ser artista, professor e pesquisador, além de ser gente. Associado a esses elementos, apresentei o ambiente de educação não formal como potencializador de uma possível prática de formação estética em artes visuais. Para além de um pensar restrito ao âmbito da escrita, dispus imagens que poderão atuar como disparadoras de mais reflexões.

O capítulo dois, DO RASCUNHO AO DESENHO, traz em seu corpo a construção metodológica para a efetivação dos objetivos propostos aqui, fazendo-nos percorrer o universo das Proposições, termo pego emprestado de Lygia Clark (1980), incitando-nos, também, a pensar sobre a experiência através de Bondia (2002). Assim, caminhamos até o ideário de experiência estética sob o olhar de Dewey (2010) e outros autores. Ampliando nosso horizonte na busca por uma metodologia, deparamo-nos com a Pesquisa-Ação, A/r/tografia e a Abordagem Triangular em um processo de união, de entrelaçar, e, dessa forma, conhecemos mais de perto o Coletivo Aries, grupo pelo qual esta pesquisa se interessa e se constrói, com bases no processo de formação estética em artes visuais experienciado pelos jovens do Coletivo.

O capítulo três, intitulado DO DESENHO À PINTURA, foi dedicado às construções artísticas do Coletivo Aries, apresentando falas e imagens produzidas ao longo desse caminhar e, principalmente, do processo de formação estética construída para e com o grupo. Aborda de maneira narrativa e reflexiva os encontros propositivos, retomando todo o percurso de formação. Falas do Coletivo, vozes de autores diversos e imagens dialogam de maneira a conduzir um refletir sobre os modos de ensinar e aprender artes. Nessa seção, também expusemos nossas inquietações com as questões sociais e afetivas envoltas nesta análise; apresentamos personagens anônimos e outros, nem tanto, e descobrimos que ambos tiveram o seu lugar na maravilhosa teia da pesquisa, com ação, emoção e o coração.

1 RASCUNHO DE UM ARTISTA-PROFESSOR-PESQUISADOR⁶

“Os dados sobre a vida dos professores são um fator importante para os estudos de investigação educacional” (NÓVOA, 1995, p.70).

Rascunho, rabisco, esboço, palavras usadas para designar algo que anseia por correções, por contribuições, por melhorias; algo em processo de acabamento, em construção. Eu, enquanto rascunho de um artista-professor-pesquisador, comecei a ser idealizado ainda na Educação Básica e continuo até hoje, pois ainda me considero em construção, um devir, em processo permanente de retoque, como uma obra aberta em constante mutação, inacabada. Assim como as dimensões da arte e da pesquisa, “a educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado” (FREIRE, 1979, p. 14). O inacabamento se configura enquanto possibilidade.

Ampliando essa lógica, Nóvoa (1995) esclarece sobre a importância das investigações educacionais que levam em conta a vida dos professores: “O respeito pelo autobiográfico, pela ‘vida’ é apenas um aspecto de uma relação que permita ouvir a voz dos professores. [...] Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, ‘a vida’, é de grande interesse quando os professores falam de seu trabalho.” (NÓVOA, 1995, p. 71). Falar sobre si acaba por ampliar o seu próprio universo, gerando reverberações aos que se encontram em seu entorno.

Cresci em um ambiente sem muitas expectativas, mas recorro-me de maneira afetuosa dos primeiros contatos que eu tive, ainda quando criança, com materiais de arte simples, como giz de cera e lápis de cor. Residi por muitos anos em uma comunidade chamada Alto São João, em Pacatuba, município da Região Metropolitana de Fortaleza. Iniciei minha vida escolar na Creche Mãe Rita, onde comecei a desenvolver, acredito, minhas primeiras habilidades artísticas. Lembro que desenhava muito nesse período. Embora essa prática seja bastante comum na Educação Infantil, mesmo que de maneira inconsciente, eu levava aquelas atividades muito a sério, penso que pelo fato de não dispor de tais materiais em casa para a realização daquelas produções. Atualmente, percebo o quanto elas foram importantes para a construção do meu ser. As recordações ao escrever essas

⁶ O presente capítulo será escrito na primeira pessoa, por se tratar da narrativa de minha formação.

linhas me invadem. Tenho uma lembrança muito rica em tons e colorações do dia em que ganhei de minha madrinha uma pequena caixa de lápis de cor. Minha felicidade foi nítida ao receber tal presente.

Já no meu Ensino Fundamental, as memórias mais latentes giram em torno da pintura das capas de prova e de experimentações artísticas que eram totalmente desprovidas de reflexão, mas que, mesmo assim, me instigaram a gostar de arte. FUSARI e FERRAZ (2001), em seu livro *Arte na Educação Escolar*, me fizeram refletir sobre esse período, ao comentarem sobre a Pedagogia Tradicional nas aulas de Arte:

A pedagogia tradicional tem suas raízes no século XIX e percorre todo o século XX, manifestando-se até os nossos dias. Nas aulas de arte das escolas brasileiras, a tendência está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mas ligada às cópias do “natural” e com a apresentação de “modelos” para os alunos imitarem. (FUSARI; FERRAZ, 2001, p. 26-27)

Essa imitação de modelos através de cópias mimeografadas era muito comum, assim como também era costumeiro que a avaliação desses trabalhos fosse feita mediante um padrão de beleza que se aproximasse ao máximo da realidade circundante. Na terceira série do Ensino Fundamental, a professora me entregava os lápis de cor, pedia que eu pintasse todas as capas de provas que seriam entregues ao final do ano letivo, pois julgava que eu tinha mais habilidade que os demais para isso. Recordo que, a cada bimestre, todos os alunos faziam essa atividade, porém, as capas finais eram sempre pintadas por mim. Hoje, compreendo que estava imerso ou submerso em um ambiente de educação extremamente tradicional, cujo sistema estava “interessado principalmente no *produto do trabalho* escolar” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 30) e o professor procurava corriqueiramente desenvolver em seus alunos habilidades manuais.

No meu Ensino Fundamental II, uma pessoa passou por minha vida e deixou marcas muito positivas. Ela se chamava Ery e era minha professora de todas as matérias (como chamávamos à época). Com ela, enveredei pelos caminhos da arte de maneira mais consciente. Minha memória mais apurada dessas atividades foi de um dia em que ela me sugeriu fazer uma exposição na escola, auferindo para mim umas cartolinas e uma caixinha de tinta guache. Lembro bem que não conseguiu os

pincéis e quem me doou um, depois de me ver pintar com os dedos das mãos, foi Cacá, o marido de minha tia, Solange. Esse instrumento era provido de apenas uns três pelos, mas foi suficiente para que eu pudesse experimentar o mundo da pintura com tintas, o que foi maravilhoso. Muitas pessoas me fizeram pedidos ao fim da exposição, assim, pintei flores, leões e uma garota na praia, remetendo à canção Garota de Ipanema.

Dessa forma, a professora Ery me estimulou bastante a entrar no universo da arte. Mesmo sem formação artística alguma, conseguiu me ofertar o que de melhor tinha: o incentivo. Não apenas em relação às artes visuais, pois ela também conduzia perfeitamente as atividades voltadas para o teatro, a música e a dança. No íntimo de suas ações ela sabia que:

[...] Arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós. (DUARTE JR, 1991, p.12)

Com sua tenacidade, foi capaz de compreender, à sua maneira, o real significado do ensino de arte.

Meu Ensino Médio foi marcado pelo anseio em ganhar algum dinheiro para ajudar em casa, e a arte, mais uma vez, apareceu em minha vida como um trampolim para que meu desejo se tornasse realidade. Foi assim que eu comecei a trabalhar em uma fábrica de biquínis em Fortaleza, realizando as estampas de algumas peças, emprego conseguido por minha tia, Silvia Helena, que sempre foi uma incentivadora de minha arte. Nessa época, na Escola Crispiana de Albuquerque⁷, eu tinha bons professores e gostava de todas as disciplinas, mas as aptidões artísticas afloravam cada vez mais. Ao chegar na nova escola, as pessoas já sabiam que eu pintava e desenhava, então, sempre me pediam para fazer isso. Minha caligrafia também era bastante solicitada. Recordo que fazia muitas capas de trabalho para meus amigos e até mesmo para pessoas com quem não tinha contato algum. Muitos batiam na porta da sala para pedir que eu escrevesse o nome:

⁷ A Escola Crispiana de Albuquerque está localizada no centro do município de Pacatuba, na época de meu Ensino Médio ela estava cedida ao Governo do Estado do Ceará, porém atualmente funciona como Escola de Ensino Fundamental.

“Trabalho de...” na capa das pesquisas que realizavam para os professores. As impressões eram caras e os adolescentes, comumente, não tinham dinheiro. Então a solução era me pedir para escrever. Foi também nesse colégio que uma professora de Inglês, Grace, quase que uma segunda mãe para mim, me incentivou a ser o ilustrador do jornal da escola. Havia uns alunos que faziam as matérias e eu fazia os desenhos, de acordo com o conteúdo das notícias. Ela também comprou algumas telas, pincéis, espátula, tintas acrílicas e pasta de modelagem para que eu produzisse alguns trabalhos e os expusesse permanentemente na escola. Dessa forma, eu pude explorar mais um tipo de pintura, a acrílica, e experimentar o uso da tela, pois, até então, só conhecia o papel enquanto suporte de trabalho artístico.

Observando minhas narrativas compreendo que elas:

Podem denunciar, compartilhar e/ou mudar modos de produção cultural e social, pois, ao *desvelar* momentos, imagens e visualidades de suas trajetórias, os indivíduos reorganizam a própria história criando laços de significado e coerência para *eventos* e acontecimentos marcantes ou, ainda, para aqueles que permanecem encobertos justamente porque não foram visitados com um olhar escrutinador e sensível. (SOUSA; MARTINS; TOURINHO, 2017, p.13)

Pensar/refletir sobre o que vivi foi essencial para que eu pudesse criar estratégias para o futuro. Ao me narrar, mergulho em mim e exploro melhor as alianças que acabei fazendo, ao longo dos anos, entre arte, vida e educação.

Os atravessamentos propiciados pela arte em meu viver foram muitos, mas as dificuldades enfrentadas em nível social e cultural eram enormes e me fizeram, antes mesmo de optar por fazer um curso superior em Artes, desbravar outros oceanos, na ânsia por melhorias de vida. Nessa busca, colhi muitas insatisfações e quase nenhum retorno. Foi assim que, em conversa com um amigo chamado Rodrigo, descobri o curso de Artes Visuais do IFCE, o que me fez largar o curso superior de Sistemas de Informações e querer mergulhar nessas águas.

A arte sempre fez parte da minha vida e passou a ter uma influência mais forte com o meu ingresso no curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Nos primeiros anos nessa instituição, pude participar de algumas exposições coletivas e de momentos intensos de vivência artística em sala de aula. No ano de 2007, houve um evento promovido pelo professor Elói, intitulado *Claro-Escuro*, do qual participei com um cartaz-poema

e uma Instalação (Figura1). O evento aconteceu no pátio do IFCE – campus Fortaleza, no anexo localizado no bairro Aldeota. Os materiais utilizados na instalação foram basicamente fios de lycra e os cadernos da minha época no Ensino Médio, em Pacatuba. Contar com a participação do público para efetivação do trabalho foi algo instigante nesse primeiro contato com a arte em nível de ensino superior.

Figura 1 — Sem título - Instalação



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Outra experiência vivida que merece destaque em minha passagem pelo IFCE foi o fato de ter sido bolsista de Iniciação Científica, PIBIC-CNPQ, por dois anos consecutivos, sob a orientação do professor doutor Gilberto Andrade Machado, que, mais que um docente, foi exemplo de pessoa e profissional. Durante esse período no programa, pude publicar artigos e vislumbrar um pouco a respeito do percurso acadêmico que pretendo seguir. Além das publicações, destaco minha participação como um dos organizadores da I Semana de Artes Visuais do IFCE – I SAVIFCE. Um evento marcante, não apenas por ter sido o primeiro nessa área, mas

por ter trazido aos estudantes do curso informações referentes ao mercado de trabalho de artes visuais em Fortaleza e discussões referentes à inserção profissional dos mesmos. Fui também integrante do Grupo de Estudos de Formação de Professores de Artes Visuais – IRIS, que me possibilitou um contato cada vez maior com as questões relacionadas ao ensino de arte.

Após esse período como bolsista de pesquisa, pude experimentar das ações enquanto professor de Artes Visuais de uma escola particular do município de Pacatuba, onde, certa vez, nos reunimos no pátio para dialogar sobre a arte contemporânea (Figura 2). Passados alguns anos nessa escola, me encontro atualmente como professor efetivo de Arte da rede estadual de ensino do Ceará, na qual tenho enfrentado grandes desafios, como o de organizar um plano de ensino específico para uma disciplina eletiva de Desenho e Pintura, trabalho que faz parte de uma nova realidade nas escolas cearenses e pelo qual os alunos têm demonstrado bastante interesse (Figura 3). A atuação enquanto professor de Arte da rede estadual cearense me fez ampliar horizontes e me desperta questionamentos diários.

Figura 2 — Alunos do Ensino Fundamental em diálogo sobre arte contemporânea.



Fonte: Acervo Pessoal (2012).

Com o passar desses anos, tenho acumulado boas experiências no ambiente educacional e artístico e acredito que posso estar contribuindo com a mudança do panorama do ensino de arte em termos de Ceará.

Figura 3 — Alunos do Ensino Médio em disciplina eletiva de Desenho e Pintura.

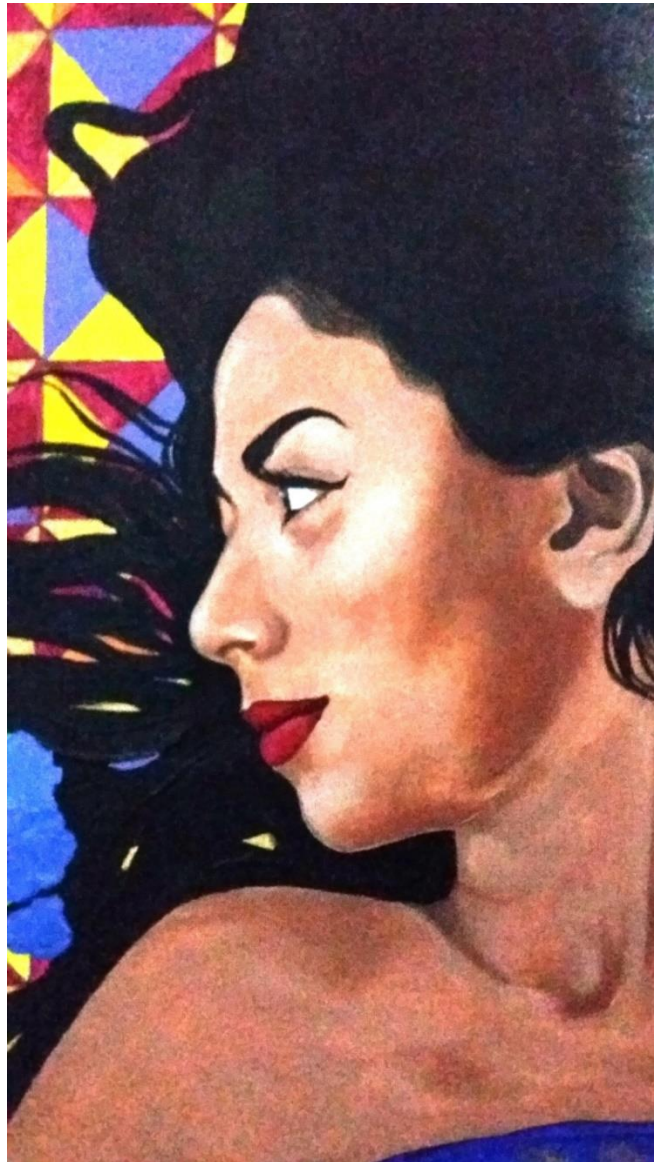


Fonte: Acervo Pessoal (2019).

1.1 O artista-professor-pesquisador

É habitual, em minhas primeiras aulas, que eu leve alguns de meus trabalhos artísticos para socializar com os estudantes. Fran (Figura 4) é um trabalho que geralmente apresento a eles como um incentivo à prática artística, já que não é comum que visitem espaços de socialização da arte. Costumo também sondá-los acerca das linguagens artísticas que mais gostam e/ou praticam. Acredito que, iniciando o ano letivo assim, cultivando bons hábitos, eles se sentem mais à vontade para participar das aulas de Arte.

Figura 4 — Fran – pintura em tela com tinta acrílica, autor: Ariclènes Cassiano



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

“Aulas e experiência de vida não podem ser dicotômicas. As vivências culturais e o universo de experiências do professor encontrarão motivação para ampliar o universo correlacionando-o com as aprendizagens escolares” (IAVELBERG, 2003, p. 62). Assim, compartilho com meus alunos, sempre que possível, um pouco do meu universo.

O conhecimento de mundo trazido pelo professor de Arte para os ambientes nos quais atua contribui para ampliar o envolvimento dos educandos e serve como mote para a inserção de temas pertinentes às aulas, possibilitando assim uma aprendizagem muito mais significativa.

As práticas inerentes à arte, quando somadas a estratégias voltadas à educação, transformam o modo de ensiná-la e aprendê-la. O caminhar pedagógico de um professor de Arte é diferenciado em relação ao do profissional que leciona qualquer outra disciplina, refletindo um pensar rizomático⁸, um meditar em conexões, não seguindo um padrão linear, o que se traduz em sua forma de ensinar.

O artista, o professor e o pesquisador, dimensões múltiplas de um único ser que, imbricadas, ampliam o seu olhar. No ato de ser artista, encontram-se, muito nitidamente, as questões inerentes à sensibilidade, à inventividade; no ato de ser professor, as propriedades do ensinar e do aprender e, no ato de ser pesquisador, o caráter investigativo, tão necessário ao campo das artes, mas também ao da educação. Essas três perspectivas formam o artista-professor-pesquisador.

Diante das possibilidades de entrelaçamento dessas dimensões, o artista-professor-pesquisador ainda tem muito a se descobrir. “Todo artista pode considerar que realiza uma pesquisa no processo de produção de uma obra, pois segue um processo sistemático de experimentos e procedimentos com os materiais e com a linguagem que utiliza” (SOGABE, 2014, p.21). Tais alianças também estão em prol da educação.

A figura do artista atuando como professor enfrenta vários desafios no que se refere, principalmente, ao compartilhamento daquilo que ele sabe fazer, a arte, e aos aspectos burocráticos do setor educacional. As questões políticas, no estado do Ceará, acabam por adentrar o currículo de Arte, pois, na maioria das escolas, a referente disciplina se faz presente apenas no primeiro ano do Ensino Médio, sendo

⁸Ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, v1 e 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

dedicados, semanalmente, exclusivos 50 minutos de aula, o que obriga os professores da área a lotarem-se em várias escolas para, assim, completarem a sua carga horária, comprometendo um pouco do seu tempo e desempenho, na medida em que os excessivos deslocamentos para os locais de trabalho são um ponto desgastante. A busca por melhorias tem sido uma constante. Trabalho árduo, mas fundamental, uma vez que a sociedade anseia por arte.

Acredito que a nomenclatura contemporânea artista-professor-pesquisador deva-se às várias facetas em que esse profissional atua e que desbrava. SOGABE (2014) esclarece que “a entrada das artes para o mundo da pesquisa na pós-graduação passou da transformação de um artista-professor dos anos 70 para um pesquisador-artista nos anos 80” (SOGABE, 2014, p.21). Essas transformações certamente contribuíram para a terminologia atual.

Na contemporaneidade o termo artista-professor-pesquisador tem ganhado destaque com o advento da A/r/tografia. A/R/T é uma metáfora para *artist*, *researcher*, *teacher* (artista, pesquisador, professor), fazendo menção à escrita/representação, identificando os profissionais que acabam por transpor esses papéis às suas vidas pessoais e profissionais, mas também caracterizando uma forma de Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA). “A a/r/tografia [...] enfatiza as identidades do artista, do pesquisador e do professor” (DIAS; IRWIN, 2013, p.25). Assim, a A/r/tografia unifica essas identidades do profissional, integrando-as na forma de pensar e agir.

1.2 Espaços de educação não formal

Em minhas narrativas enquanto artista-professor-pesquisador, é possível perceber que os espaços de educação não formal quase não fizeram parte dessa formação. Talvez por isso mesmo, defenda ser pertinente um pensar sobre, pois, ao nos debruçarmos sobre a temática da educação formal, nos vem à tona uma série de publicações, uma vez que é realizada principalmente na escola, entretanto, quando o assunto é educação não formal, o que encontramos é praticamente uma lacuna. Se focarmos no campo da arte/educação, esse índice é ainda mais reduzido, visto que a maioria dos livros que abordam o tema versa sobre o ensino da arte nas escolas, e não nos mais diferentes contextos em que ela possa ser trabalhada.

Os processos promovidos pela educação não formal foram sendo instaurados mediante as mudanças na realidade social e educacional. As críticas à instituição escolar são muitas e se arrastam através dos séculos, o que, provavelmente, foi um fator preponderante para o pensar em uma educação que pudesse ser desenvolvida fora dos muros escolares. Ou, melhor dizendo, o nomear, uma vez que sabemos que a educação de cunho não escolar sempre existira, entretanto, aquilo que não tem nome não existe. “Para que uma coisa tenha lugar no discurso e possa ser reconhecida na realidade, ela deve ser denominada” (TRILLA, 2008, p.25). Diante do exposto, fez-se necessário que estabelecêssemos uma definição entre tais conceitos para aclarar a mente do leitor:

Coombs e Ahmed, em seu trabalho de 1974, *Attacking Rural Poverty: How Non-Formal Education Can Help*, definiam esses conceitos nos seguintes termos: a *educação formal* compreenderia “o ‘sistema educacional’ altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da escola primária até os últimos da universidade”; a *educação não formal*, “toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população [...]”; e a *educação informal*, “um processo que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio” (COOMBS, 1974, p. 27 *apud* TRILLA, 2008, p. 33).

O mesmo autor ainda reforça: “a educação não formal seria aquela que tem lugar mediante procedimentos ou instâncias que rompem com alguma ou algumas [...] determinações que caracterizam a escola” (TRILLA, 2018, p. 39). Esse fazer educacional, em menor ou maior escala, se distancia das formas convencionais da escola.

“Na educação não formal, as instâncias podem traçar um programa de aprendizagem que seja significativo para determinados grupos que se formaram em função de demandas comuns” (CARVALHO, L. M.; CAROLINO, J. A., 2010, p.361). Assim como também poderá ser mais livre no seu conduzir pedagógico, o que nem sempre é possível no ambiente escolar formal.

Segundo Marandino (2008), alguns autores divergem de seu pensar com relação aos termos educação formal, não formal e informal.

Chagas (1993), por exemplo, entende que a educação não-formal é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições com o

propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo. Por outro lado, a educação informal “ocorre de forma espontânea na vida cotidiana por meio de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais”. Gohn (1999) nos dá uma outra perspectiva para essa discussão. Para ela, a concepção de educação é mais ampla do que a de aprendizagem e se associa ao conceito de cultura. Desse modo, educação não-formal trata de um processo com várias dimensões, relativas à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; [...] Para ela, entretanto, a educação não-formal não contempla experiências vivenciadas na família, no convívio com amigos, nos clubes, nos teatros, na leitura de jornais, nos livros etc, sendo estas categorizadas como educação informal [...]. Enquanto concepções como essa contemplam o processo educativo, outras focam-se no processo de aprendizagem. Falk e Dierking (2002) cunharam a expressão “*free-choice learning*” (aprendizagem por livre escolha) como forma de enfrentar a confusão entre os termos formal, não-formal e informal. Para eles, a “aprendizagem por livre escolha” é todo tipo de aprendizagem que pode ocorrer fora da escola, especialmente em museus, centros de ciências, organizações comunitárias e nas mídias impressa e eletrônica (incluindo a internet). (MARANDINO, 2008, p. 14).

Embora haja discordância por parte de alguns autores com relação às nomenclaturas de educação não formal e informal e os seus usos, dependendo do foco que dão a elas, acabam tendo como padrão de comparação sempre a educação formal. A partir dessas discussões, torna-se evidente que, ao pensarmos em educação não formal, é preciso também que pensemos, de forma efetiva, nos elementos envolvidos nesse processo, pois, somente assim, aproveitaremos todo o potencial que as ações educativas não formais podem nos propiciar.

Os espaços em que a educação não formal se estrutura podem ser os mais diversos, como uma rua, uma calçada e uma praça, sendo necessários, apenas, seres humanos compromissados com o projeto para que o processo de ensinar e aprender possa acontecer de maneira significativa.

O simples pensar sobre estas questões já nos coloca em sintonia com os espaços que podem ser utilizados para que essas ideias ganhem forma.

2 DO RASCUNHO AO DESENHO

“Nós somos os propositores: nós somos o molde, cabe a você o soprar dentro dele o sentido da nossa existência. Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos. Estamos a sua mercê. Nós somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação. Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado, nem o futuro, mas o agora.” (CLARK, Lygia, 1980, p.31).

A ideia de *proposição*, termo pego de empréstimo do universo de Lygia Clark (1920-1988), faz parte deste trabalho em todo o seu percurso, assim como também o ideário de *experiência* trazido por John Dewey e Jorge Larrosa Bondia.

Ao trazermos as reflexões sobre uma experiência com formação em artes visuais através do Coletivo Aries, transportamos, para consolidar nossa compreensão acerca de tais processos, o pensamento de Dewey (2010, p.122), para quem “toda experiência é o resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive.” Ampliando esse olhar, Bondia (2002, p.21) reforça: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” As vias pelas quais a experiência pode acontecer são variadas, uma vez que somos seres plurais, diferentes uns dos outros.

Referente a esses conceitos que envolvem uma formação estética em artes visuais a partir do Coletivo Aries, é interessante refletir sobre o que diz Pillar (2008):

A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas [...], tanto a partir do [...] cotidiano como de obras de arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte. (PILLAR, 2008, p. 71-72).

A compreensão dessa autora sobre educação estética amplia o nosso olhar, ao mesmo tempo em que fortifica a nossa proposta de pesquisa. Corroborando com esta, Sales et al (2014) amplia:

A educação estética visa à formação da pessoa no tocante à dimensão sensível-cognitiva, em relação à arte e à cultura, para que esta possa, de forma crítica, entendê-las, tanto nas dimensões local e regional quanto nacional e mundial. Para tanto, oferece à pessoa contatos significativos com

a produção artística, por meio das linguagens artísticas e, assim, pretende formá-la para a vida em uma sociedade, que se edifica com suporte na arte. (SALES et al, 2014, p.492)

Tendo incorporado tais definições, passamos agora a ampliar nossa perspectiva com relação à pesquisa no ensino de Arte. A premissa dessa pesquisa, pode-se assim designar, é o difícil exercício da razão e da sensibilidade (LANCRI, 2002). Assim, antes mesmo de pensar na forma de abordagem das artes visuais no contexto não formal, comecei alguns experimentos no Ensino Fundamental. Vivenciar arte é essencial para propô-la aos alunos, pois minha atuação enquanto artista é o que melhor me configura como um agente apto a realizar a pesquisa dentro do ensino de arte, constituindo-se como uma condição tão importante quanto atuar como educador.

A ação enquanto arte-educador no Ensino Fundamental me oportunizou construir métodos para as ações em artes visuais, como a escolha de materiais, seu manuseio e sua aplicabilidade em diferentes espaços, de acordo com a arquitetura do lugar, seu contexto e o público.

Rey nos possibilita avançar em algumas questões:

[...] muito mais importante do que achar respostas é saber colocar questões. A arte produto de pesquisa não se limita à simples repetição de fórmulas bem-sucedidas. A pesquisa faz avançar as questões da arte e da cultura, reposicionando-as ou apresentando-as sob novos ângulos. É desafio constante para o artista-pesquisador provocar um avanço, ou, talvez, mais próprio seria dizer um deslocamento [...]. (REY, 2002, p.127)

Buscando subsídios para provocar o que Rey (2002) denomina deslocamento, esta pesquisa teve como base teórico-metodológica a pesquisa-ação associada à a/r/tografia, para esta última “a investigação permeia nossas vidas e começamos a entender como nossas vidas são enriquecidas por esta curiosa disposição.” (DIAS; IRWIN, 2013, p.15). Ainda de acordo com os autores:

A a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização. A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação). Na a/r/tografia, saber, fazer e realizar se fundem. Elas se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. (DIAS; IRWIN, 2013, p.25).

As imagens nesta pesquisa são efetivamente parte integrante das possíveis leituras e interpretações que possam ocorrer através do contato com ela. Formando uma hibridização⁹ com o texto escrito, não funcionam como meras ilustrações, mas como um território de igual valor ao escrito. “Artistas-pesquisadores-professores devem saber que a imagem visual é um local de informação complexo que talvez possa valer mil palavras” (DIAS; IRWIN, 2013, p.130). Ou seja, compreender o poder da arte em suas diferentes nuances, associando as palavras às imagens, interligando-as, produzindo, assim, sentidos adicionais.

As investigações artísticas no contexto não formal foram realizadas com jovens de comunidades do município de Pacatuba – CE, que fazem parte de um grupo denominado Coletivo Artístico Aries. O critério de escolha dos seus integrantes foi apenas um: que, em algum momento de sua vida escolar, eles houvessem recebido aulas de Arte ministradas por mim. As atividades em formato de encontros propositivos e ações aconteceram, majoritariamente, nas praças e ruas da cidade. As ações de cunho prático e visível aos olhos daqueles que não participaram de nossos momentos formativos foram efetivadas em espaços que costumeiramente chamávamos de “não-lugares”, sempre pensados pelos demais integrantes e por mim, enquanto artista-professor-pesquisador. Esses “não-lugares” são entendidos, na presente pesquisa, como locais esquecidos, abandonados à própria sorte e nitidamente marcados pelo tempo. Segue a definição de Marc Augé, para quem:

Os não lugares, [...] são a medida da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias, e os domicílios móveis considerados “meios de transporte” (aviões, trens, ônibus), os aeroportos, as estações e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer, e as grandes superfícies da distribuição, a meada complexa, enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo. (AUGÉ, 1994, p.74)

O autor identifica esses “não-lugares” como espaços que não possuem significado suficiente para serem considerados “lugares” e que, por vezes, transitam pelo esquecimento e/ou beirando à invisibilidade.

⁹ Ação de combinar/ junção.

Uma vez definido o local e o público-alvo, utilizamos para a efetivação das intervenções o conceito de “pesquisa-ação”, definido por Michel Thiollent da seguinte forma:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2003, p.14)

Articulando esses conceitos no plano prático, houve uma melhor compreensão a respeito de como deveriam ser guiados esses momentos de interação e construção. Para que a articulação acontecesse de maneira satisfatória, foi importante aliar ao conceito de metodologia a compreensão de pesquisa qualitativa. Segue apontamento a respeito:

[...] A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega material estatístico para análise de dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996, p.1)

No transitar entre métodos e ações, como estratégia pedagógica para a realização desta pesquisa, foi criado, como mencionado anteriormente, um grupo artístico com jovens que pudessem pensar e produzir arte em contextos não escolares. No nosso caso, nas ruas. A fim de fortalecer as questões metodológicas, buscamos, através da internet, trabalhos de autores que pudessem, de alguma forma, contribuir para a consolidação deste estudo.

Auxiliando-nos nessas abordagens, contamos também com o caderno de artista como instrumento de idealização de ações, além do audiovisual, enquanto dispositivo de apreensão de toda a nossa trajetória e estudo.

Nossos momentos criativos/propositivos aconteceram, predominantemente, aos fins de semana, comumente aos sábados, em virtude dos compromissos e ocupações dos demais envolvidos na pesquisa.

No trabalho *Pichação + arte + educação: outros olhares*, de Tamires Vaz, chamou-me a atenção o modo como a autora trabalhou as questões de subversão trazidas pela arte urbana e o caráter de prática social envolto em sua pesquisa. “Toda prática social tem seu caráter discursivo imerso em invenções humanas, fazendo mais visível àquele que narra do que o próprio objeto narrado” (VAZ, 2013, p. 88). Todo o discurso que vem sendo construído com relação à arte que é feita nas ruas nos fala muito mais sobre a sociedade do que sobre a arte de rua em si. O modo de articulação dos encontros e um público reduzido utilizado pela pesquisadora também se aproxima das questões e do modo como conduzi parte da prática deste trabalho.

A autora relata:

A oficina, que teve um público itinerante, entre 3 e 7 participantes por semana, permitiu ao projeto uma flexibilidade interessante, ultrapassando diversas barreiras comuns ao território escolar como: a da seriação, a do tempo rigidamente determinado, a do professor como figura central na sala de aula, a da sala de aula como sede de operações. (VAZ, 2013, p.90)

Na pesquisa de Vaz (2013), as questões referentes à sala de aula é que não se aplicavam ao que estávamos a analisar, já que as nossas questões diziam respeito às práticas artísticas realizadas fora do ambiente escolar; para ser mais específico, nas ruas.

No artigo *O vídeo e suas possibilidades artísticas e comunicativas*, Andreia da Silva Santos afirma que “o vídeo é um meio que possui inúmeras disponibilidades técnicas e artísticas [...]. Sua característica mais marcante é a intensa mistura de linguagens e gêneros. Signos sonoros, visuais, verbais, táteis, cinéticos transformam o visor do vídeo num espaço sensório” (SANTOS, 2011, p. 2). Tais relações eram pretendidas com este trabalho, porém, ocorreu que o vídeo ficou a nível de registro, embora, no decorrer do processo de pesquisa, os jovens artistas tenham trazido em sua produção algumas das possibilidades tratadas ao longo do texto acima mencionado. A autora traça, no decorrer de seu artigo, um panorama do uso do vídeo no campo da arte, ampliando assim as questões teóricas envolvidas no mesmo.

A pesquisa intitulada *O sketchbook didático: uma prática educativa com estudantes do curso de artes visuais – PARFOR*, de autoria de Moreno et al. (2016), traz no seu cerne uma contribuição importante a esta pesquisa: o uso do *sketchbook* como material de suporte às questões artísticas para além dos alicerces tradicionais

da arte, colaborando também por trazer em sua essência o desenho enquanto processo de construção social:

Independente da civilização e período, o desenho teve a sua importância histórica pelo fato de que, se não existisse, muitas civilizações teriam se apagado. O desenho foi uma das contribuições mais importantes para povos egípcios, gregos e romanos no período de 1570-1085 a.C. Encontrado em vários papiros ilustrados sarcófagos e ilustrações de túmulos esculpidos em rocha, o desenho era visto como um acréscimo à escultura. Ao passar dos séculos, acompanhando a história da humanidade, foi no século XV que o desenho passou a ser utilizado como croquis e exercícios, mas com muita exigência na proporção e perspectiva. (MORENO et al, 2016, p.517)

Porém, a maior valia desse escrito está na ideia do *sketchbook* como diário visual:

O diário de artista, nos transmite informações sobre determinados momentos históricos ao qual um sujeito está inserido, onde historiadores do século XX, buscavam uma nova maneira de estudar a história, as estruturas particulares envolvidas nos acontecimentos [...]. No decorrer da história, muitos artistas passaram a utilizar esse meio de registro, como forma de estudos, pesquisas e experiências, podendo ser elas pessoais ou não. (MORENO et al, 2016, p.518)

Em *Diários gráficos compartilhados e a prática do desenho*, de Laís Guaraldo (2016), a autora discorre sobre a importância do ato de desenhar na ação de perceber o mundo de maneira mais afetiva e efetiva, sobre o ato de desenhar e a sua importância:

Nesse propósito de desenhar com frequência em pequenos cadernos, outros depoimentos surgiram, reveladores dos potenciais perceptivos dessa prática. O próprio Gabi Campanário, quando apresenta os anais do Simpósio UrbanSketcher (2012, p.6), comenta que sua relação com a cidade de Lisboa era agora muito diferente da primeira vez que lá esteve, pois da primeira vez não exercia a prática de desenhar e muitas coisas escaparam a sua percepção, pois ocupado como estava com o trabalho de jornalista não prestava atenção àquilo que o rodeava. Quinze anos depois, ao desenhar Lisboa, percebeu-a muito mais marcante em sua memória. E conclui creditando essa percepção e memória ao hábito de desenhar, que o fez derivar por pormenores arquitetônicos da cidade. (GUARALDO, 2016. p.83)

A autora também nos explica sobre a relevância do compartilhamento de tais diários e práticas:

Outro aspecto notável desse compartilhamento de práticas é o papel propositivo que pode desempenhar. Ao elegermos um novo caderno há ali implícito um projeto, uma intenção de método para ali anotar dados. O trabalho do artista é um permanente encontro de métodos e os cadernos auxiliam nesse exercício autopositivo. (GUARALDO, 2016. p.84)

Os cadernos de artista participaram da nossa pesquisa de maneira determinante, pois cada participante dessa ação contou com um caderno de artista (também chamado por alguns de diário gráfico, *sketchbook* ou livro de artista), a fim de que pudessem praticar e analisar seus trabalhos em arte, de modo a socializar os processos individuais artísticos ao ponto de uni-los aos dos demais, possibilitando, muitas vezes, a construção de uma obra de arte coletiva nos locais/comunidades onde esses jovens encontram-se inseridos.

A leitura desses textos impulsionou este estudo e proporcionou o surgimento de novos conceitos e propostas durante o caminhar deste estudo. Seguem adiante o detalhamento acerca da ideia de proposição e do nome do Coletivo Aries, que é alvo dessa pesquisa, e explicações sobre a utilização do ideário da Abordagem triangular, da Pesquisa-Ação e da A/r/tografia, assim como também os instrumentos que foram utilizados na coleta de material para a análise.

2.1 A ideia de Proposição

Quando nasce, é proposição; quando, de fato, toma corpo, vira percurso. Não é estanque, tem um amplo caminho. “Ser propositor inclui ouvir, querer saber o que o outro pensa, sente, intui” (FERRARI, 2012, p. 26). A ação propositora está sempre aberta ao diálogo.

Na busca por um percurso que pudesse satisfazer nossos desejos e anseios, foram estabelecidos sete momentos, definidos como Proposições e explanados nesta seção.

Proposição, ato ou efeito de propor; aquilo que se propõe, proposta, sugestão. Os encontros propostos como disparadores desta pesquisa e a nomenclatura que receberam têm tudo a ver com a definição de proposição mencionada linhas acima. O termo não é novo, mas aqui está aplicado tal como concebido no ideário de Lygia Clark, artista brasileira celebrada internacionalmente. O termo Proposição assume aqui um caráter inclusivo no sentido que vai ao

encontro da abertura de espaços para diálogos entre os jovens e seus pares, entre a arte e a vida. Propor não é impor, é construção! Estabelecemos sete Proposições, descritas a seguir.

A **Proposição I** foi um momento de inserção do grupo no universo das artes visuais, com foco na Arte Urbana, e da explicitação de conceitos, artistas e técnicas. Nesse estágio da pesquisa, foi também explicado sobre o uso do caderno de artista como ferramenta de produção de conhecimento em arte e como um item de avaliação do processo criativo dos jovens. Nessa Proposição, cada um teve a oportunidade de produzir o seu próprio caderno de artista.

Figura 5 — Coletivo Aries em Proposição I



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

A **Proposição II** foi idealizada com base no caráter social da pesquisa. Sem rendimentos financeiros próprios, os jovens integrantes do Coletivo Aries dependiam economicamente de seus pais. Por esse motivo, no ato propositivo em questão, foi entregue a cada jovem um kit de material artístico, contendo pincéis, estojo com tinta guache, borracha, cola, tesoura, lápis de cor e revistas. Nesse dia, houve apresentação do círculo cromático, experimentos com tintas, lápis 6B e em cor.

Também pintamos, com estêncil, umas blusas que usaríamos em algumas de nossas ações.

Figura 6 — Coletivo Aries em Proposição II



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

A **Proposição III**, encontro na praça para conversarmos sobre a arte e sobre a vida, foi também um momento para socializarmos os *sketchbooks* e vermos o que cada um estava produzindo. Além disso, pudemos folhear alguns livros de arte e decidir sobre as estratégias que utilizaríamos para a ação a ser empreendida no bairro São José, onde mora Renan (Grizz), um dos componentes do grupo.

Figura 7 — Parte do Coletivo Aries em Proposição III



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Na **Proposição IV**, momento da ação artística na comunidade do São José, em Pacatuba no Ceará. Pintura no tanque da Cagece (Companhia de Água e Esgoto do Ceará), com direito a interferências das mais diversas, analisadas no próximo capítulo.

Figura 8 — Coletivo Aries em Proposição IV



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Proposição V, avaliação da Proposição IV e construção coletiva da próxima ação, a ser empreendida em um “não-lugar” na Comunidade do Alto São João, também no município de Pacatuba.

Figura 9 — Coletivo Aries em Proposição V



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Proposição VI, encontro do Coletivo Aries com a Comunidade do Alto São João. Na ocasião, foi realizada uma ação artística no antigo Chafariz da localidade.

Figura 10 — Coletivo Aries em Proposição VI



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

A **Proposição VII** foi a ocasião para fecharmos um ciclo, bem como coletar percepções e reflexões acerca desses encontros propositivos/formativos.

Para fins desta pesquisa, tivemos que realizar esse número de Proposições, não significando que o trabalho tenha encerrado aqui. Cabe salientar que, ao trabalhar com pessoas, principalmente com um grupo de jovens, as relações são sempre múltiplas. Em decorrência disso, mais ações poderão acontecer pelas comunidades nas quais esses jovens estão inseridos.

2.2 O Coletivo Aries

O nome do grupo alvo da pesquisa, Coletivo Aries, não possui qualquer relação com o signo de Áries, tratando-se apenas de uma coincidência.

Em Pacatuba¹⁰, cidade onde foi criado o grupo e onde atuo como professor, são muitos os que me chamam por Ari. Entre eles, alunos e ex-alunos, para os quais o convite foi lançado de maneira informal. Na oportunidade, explicitiei minha pretensão de pensar/fazer arte em um contexto não formal e que isso seria alvo de uma pesquisa de mestrado.

Na Proposição I, nosso primeiro caminhar, foi também a oportunidade para lançarmos a ideia de termos um nome, já que o conceito de grupo une as pessoas e passaríamos a produzir também coletivamente. A priori, pensamos em colocar, a começar pelo meu nome, as três primeiras letras do nome de cada participante do grupo, cujos membros considerados seriam aqueles que participassem desse primeiro encontro, dessa primeira partilha.

Nessa primeira reunião, compareceram cinco, de um total de dez convidados. Dessa forma, a ideia de colocar as três primeiras letras do nome de cada integrante resultaria em um título demasiadamente grande. Foi então que se cogitou usar as três primeiras letras de meu nome “ARI” e dar a elas a ideia de coletividade. Assim nasceu ARIES, uma junção de ARI + E (conectivo, elemento aglutinante) + S (simbolizando o plural, mais integrantes). Desse nome, surgiu também a nossa marca, a nossa assinatura em estêncil (Figura, 11).

¹⁰ É um município da Região Metropolitana de Fortaleza, no Ceará e possui 71 079 habitantes.

Figura 11 — Estêncil símbolo do Coletivo Aries



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Fazem parte do Coletivo Aries (Figura12) os seguintes jovens: Marília Ribeiro, Renan Barbosa (Grizz), José Anderson (Nando), Lucas Almeida (Tistu) e Gleyce. Ariclones Cassiano aparece no grupo como uma figura que transita entre participante e pesquisador. Em nossas proposições, corriqueiramente, aparecem outras pessoas, que gosto de pensar como membros não fixos, pois sempre acabam por contribuir e enriquecer o nosso trabalho de alguma forma. As interferências em nossas construções são bastante comuns, pois o nosso principal ponto de encontro é a rua.

A respeito das mudanças tecnológicas, tão bem incorporadas pelos jovens na contemporaneidade, concordamos com SALES et al:

O ensino da Arte, com o advento da internet e a facilidade de comunicação por esta proporcionada, deu origem a novos veículos de propagação de ideias e concepções de Arte e Cultura, que passaram a ser utilizados em processos de entretenimento e educação (SALES et al, 2015, p.975).

Esses veículos mencionados pelos autores foram incorporados pelos membros do Coletivo Aries na construção de uma página no *Instagram* (@coletivoaries) e de um grupo no *Whatsapp* (Coletivo Artístico ARIES). Nesses ambientes virtuais, há interação entre os integrantes e seus pares. No aplicativo *Whatsapp*, em um desses momentos de interação, alguns se autodescreveram. A exemplo disso, segue o seguinte texto:

Meu nome é Marília Ribeiro, tenho 18 anos e moro em Pacatuba, me adapto facilmente em qualquer situação, sou extrovertida, cooperativa e meio perfeccionista. A minha entrada no grupo Aries foi muito especial, para mim, tem sido uma nova experiência e espero ter muito mais como essa. (Marília Ribeiro, 2019, via whatsapp).

Outro componente do grupo foi além de sua descrição e escreveu um texto fazendo links com a sua trajetória de vida:

O COMEÇO COM A ARTE E O DESAFIO

Meu nome é Lucas de Almeida, tenho 19 anos. Gosto de música, ler poesia e escrever o que sinto. Deixando claro que a cor preta me atrai. Uma das primeiras obras que vi foi Noite Estrelada de Van Gogh. Amo até hoje. Definir qualidades e defeitos é um pouco complicado e acho que não vem ao caso.

Até então [quando criança] nunca tinha desejo e interesse pela arte, até ver meus primos desenharem personagens de Anime. Achei aquilo mágico e incrível (como toda criança ao ver um truque de mágica), com todos aqueles traços complicados, pensei que nunca conseguiria fazer o que eles faziam. Ao passar dos anos, minha visão ia cada vez mais perto do papel. Fiz meu primeiro desenho. Gostei muito (apesar de não ter saído do jeito que eu queria), então fiz da arte o meu desafio.

Entrei para a Escola Casimiro Leite, onde conheci um grande professor, artista e muito amigo meu. Acho que fui um dos pioneiros interessados a absorver o conhecimento que ele tinha. Lembro como se fosse hoje: todas as quintas de manhã um aprendizado novo.

O laço de amizade cresceu e o professor Ariclênes mostrou-me ideias de um grupo que ia colocar no mapa! Recrutou o nome de alguns estudantes, onde o meu estava incluso. Ficaram poucos. Eu, Renan (Grizz), Marília, Nando, Gleyce e Ariclênes (Ari, como é chamado). A união estava formada! Por que não um nome? Aries, concordamos e assim ficou. Resolvemos então fazer nossa primeira pintura. Feita com sucesso. A primeira de várias! Enfim, depois de muito tempo, vi que dentro de cada pessoa que está fazendo um certo peso na terra, mora uma coisa oculta, que não sei explicar o que deve ser. Cabe-nos olhar pra dentro de nós mesmos e tirar, como se fossem raízes e plantar em algum lugar pra ver o que nasce!

Obrigado Aries pelo espaço!

(Lucas de Almeida [Tistu], 2019, via whatsapp).

Seguindo essa mesma proposta de autodescrição, segue a fala de Grizz:

Meu nome é Renan Barbosa [Grizz], tenho 16 anos e participo do grupo Aries. Minha conexão com a arte foi uma coisa complicada! Não tendo habilidade com desenhos o jeito era cobrir das revistas (risos). Com passar do tempo fui pegando as manhas, mas sem práticas não tem resultado e fui deixando os desenhos de mão (mas não deixando a arte pra trás). Conheci artistas como Leonardo da Vinci (quem não conhece a tal Monalisa?) e outros artistas mais, que o Lucas (Tistu) me apresentou na época que começamos a conviver juntos. Já muito falado pelo Tistu, pude conhecer ano passado, quando entrei na Escola Casimiro Leite esse grande artista e amigo, Ariclênes. E nesse mesmo ano fui chamado para participar do Aries. Aries? Sim, Aries! Não tem nada a ver com o signo é o nome do grupo. Fizemos a nossa primeira pintura na localidade do São José e foi um sucesso, apesar do Tistu ter querido o “Teste”. Nossa segunda Arte foi na comunidade do Alto São e advinha? Mais um sucesso! E é essa a nossa intenção fazer florescer em locais “ocultos”, assim dando um outro toque, visibilidade. E o Aries é composto por cinco dedos, por mim Renan (Grizz), Nando, Lucas (Tistu), Marília, Gleyce e nosso grande professor Ariclênes! Ah... e eu sou um pouco desastrado e de déficit, mas curto livros e amo a música (é esse meu tipo de arte). Desculpem os erros gramaticais. (Renan Barbosa [Grizz], 2019, via whatsapp)

Infelizmente, nem todos os participantes fizeram essa autodescrição, por problemas com a conexão de internet, falta de tempo ou outros obstáculos. Mesmo assim, percebemos a beleza oculta na fala de quem pôde realizar esta proposta.

Figura 12 — Participantes do Coletivo Aries. Da esquerda para direita: Renan (Grizz), Lucas (Tistu), Marília, Ariclênes, Anderson (Nando) e Gleyce.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

2.3 Abordagem Triangular, Pesquisa-Ação e Al/r/tografia: a construção de uma metodologia

O ensino de arte no Brasil possui um extenso caminho de importação de modelos educacionais, que, por muitas vezes, vieram desacompanhados de reflexão sobre a adaptação desses paradigmas em nosso contexto. Tal fenômeno serviu não somente para configurar o ensino de arte no país, mas também como base para a formação dos professores nessa área.

Ao longo dos anos, algumas propostas desse ensino foram lançadas e, não raro, eram assimiladas de maneira errônea. A mais famosa dessas propostas é a Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, na década de 1980. Essa proposta, segundo Ana Mae (2010), já não corresponde à metáfora do triângulo, mas sim à figura do ziguezague, já que o processo pode tomar diferentes caminhos: contexto/ fazer/contexto/ver ou ver/contextualizar/fazer/contextualizar ou ainda fazer/contextualizar/ver/contextualizar. As contribuições dessa abordagem permearam esta pesquisa, tanto por sua importância quanto pela busca de uma conexão com o público de maneira interdisciplinar e pela aproximação da cotidianidade, o que se aproxima em muito do fazer artístico da contemporaneidade.

Defendemos uma aliança entre o ensino não formal e as questões referentes à Arte Urbana. Para tal, é importante observarmos o que diz a autora Vera Pallamin sobre o tema: “A Arte Urbana é vista como um trabalho social, um ramo da produção da cidade, expondo e materializando suas conflitantes relações sociais.” O olhar de Pallamin (2000) revela um aspecto a mais nos trabalhos urbanos, o link social.

Tamiriz Vaz (2013) comenta:

A meu ver, classificar manifestações urbanas dentro de conceitos predefinidos é limitar suas potencialidades expressivas. Essas certezas, ao mesmo tempo em que geram tranquilidade para quem as define, impõem dicotomias de bem *versus* mal que expressam generalizações simplistas tomadas como única verdade. (VAZ, 2013, p.85)

Pallamin e Vaz se completam ao pensar sobre as questões que envolvem a produção de arte no contexto urbano. Uma traz o lado social e a outra se posiciona com relação às nomenclaturas usuais praticadas por aqueles que, a todo custo,

querem rotular os procedimentos urbanos em certos ou errados, dependendo do modo como foram realizados e/ou pensados.

“A Arte Urbana é uma prática social. Suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de tematização cultural e política.” (PALLAMIN, 2000, p. 23 e 24). Portanto, pensar na Arte Urbana dissociando-a de seu caráter social é excluí-la.

Esta pesquisa se utiliza de um olhar a/r/tográfico. No que tange à sua articulação, ocupa um espaço imaginativo e intelectual. No decorrer do nosso estudo, constatamos que “a ar/tografia é uma forma relacional de investigação que busca a produção de significados, a compreensão e a criação de conhecimentos. As questões relacionais estão em todos os aspectos da a/r/tografia.” (DIAS; IRWIN, 2013, p.31). Aos conceitos abordados nesse texto, uniram-se algumas considerações acerca da pesquisa-ação:

O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores. A pesquisa-ação utiliza os instrumentos tradicionais da pesquisa em Ciências Sociais, mas adota ou inventa outros. (BARBIER, 2002, p.56)

O problema enfrentado nesta análise foi, precisamente, a ausência de formação em artes visuais para a juventude e os espaços urbanos abandonados – os “não-lugares” ou lugares invisíveis - encontrados no município de Pacatuba, além da pouca presença, beirando à inexistência, da arte em caráter público na referida cidade.

Nesse sentido, nosso percurso foi nos conduzindo ao universo da pesquisa-ação, em suma:

Na pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo. Os problemas de aceitação dos pesquisadores no meio pesquisado têm que ser resolvidos no decurso da pesquisa. Mas a participação do pesquisador não qualifica a especificidade da pesquisa-ação, que consiste em organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada. (THIOLLENT, 2003. p.16)

O nosso construir metodológico firmou-se na modalidade da pesquisa-ação. A seguir, Michel Thiollent esclarece alguns dos principais aspectos desse tipo de pesquisa:

- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados. (THIOLLENT, 2003. p.17)

O ato de pesquisar em artes visuais implica em um corrente desdobramento entre teoria e prática, uma vez que os conceitos teóricos implicarão profundamente no processo artístico como um todo, funcionando, assim, como o alicerce de uma casa. De maneira geral, esses foram os conceitos que construíram a base deste estudo. No entanto, poderão ser modificados e ampliados a partir dos diversos olhares que passarão por este trabalho enquanto texto, produzindo assim outros percursos, com variadas nuances.

Para que fosse possível a análise de todo esse caminhar, foram utilizados como instrumentos de coleta de material para esta pesquisa: um celular para gravar áudios, outro, para fazer as fotos e uma câmera fotográfica para a produção de filmagens durante o processo. Os componentes do grupo, por sua vez, utilizaram também os seus cadernos de artistas. Além das mencionadas ferramentas de coleta, contamos com a utilização de questionário, composto por questões abertas, e aplicado via *Whatsapp* e *Instagram*.

3 DO DESENHO À PINTURA

“Talvez possamos ter uma ilustração geral, se imaginarmos que uma pedra que rola morro abaixo tem uma experiência. Com certeza, trata-se de uma atividade suficientemente “prática”. A pedra parte de algum lugar e se move, com a consistência permitida pelas circunstâncias, para um lugar e um estado em que ficará em repouso – em direção a um fim. Acrescentemos a esses dados externos, à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ou auxílio que lhes atribui; e de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminância de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética.” (DEWEY, John, 2010, p.116).

Este capítulo discorre sobre a experiência com formação estética produzida no âmbito das artes visuais com o Coletivo Aries, grupo artístico atuante no município de Pacatuba, Ceará. Para a análise do material recolhido ao longo de todo o trajeto, contamos com os aportes de MARTINS, PICOSQUE e GUERRA (1998), que sugerem alguns aspectos mediante a observação durante a ação docente. Utilizamos, prioritariamente, a observação da ação reflexiva, o processo de exploração e manipulação de materiais, do espaço, etc. os objetos de pesquisa, as preferências estéticas, a interação no grupo e as relações entre pesquisador e pesquisados. As imagens compartilhadas aqui foram disparadoras de pensamentos para além do texto escrito e a memória foi ativada muitas vezes, pois, mesmo com o uso de tantos aparatos tecnológicos para captar áudios e vídeos, pontos como o descarregamento dos aparelhos e interferências sonoras prejudicaram um pouco alguns de nossos registros, uma vez que a maioria de nossas reuniões aconteceu nas ruas, nosso principal local de atuação.

Nossos encontros propositivos ocorriam às sextas-feiras, no período da noite, e aos sábados, durante o dia. Era sempre uma alegria nos encontrar, tanto nesses momentos de Proposição¹¹ quanto ao acaso, pelas ruas da cidade. Talvez esse elo

¹¹ Quando a palavra Proposição aparecer no texto com “P” maiúsculo se refere aos nossos encontros formativos.

criado entre nós tenha sido um grande facilitador de nossas produções e frutíferas conversas.

3.1 Proposição I

Figura 13 — Nando e Marília, os primeiros a chegar.



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Era manhã de sábado, 10 de novembro de 2018. Após convidar vários alunos da escola em que leciono atualmente para compor o Coletivo Aries, eu aguardava ansioso por eles, na Praça da Matriz, em Pacatuba, no coreto, para ser mais exato. De lá, sairíamos até o sítio de um amigo, que ficava nas proximidades, onde faríamos nossa Proposição, sob a sombra das árvores. Dias antes, eu havia falado aos interessados em participar do Coletivo que, para entrar no grupo, o requisito era apenas um: ter sido, em algum momento da vida, meu aluno no sistema formal de ensino na disciplina Arte. Disse ainda que estariam automaticamente no grupo

aqueles que conseguissem chegar, pontualmente, às 8 horas da manhã do sábado, dia 10 de novembro de 2018.

No local, recebi uma ligação da Gleyce, justificando sua ausência por conta do trabalho com a mãe, mas insistiu que eu guardasse a sua vaga, garantindo que, nos próximos encontros, compareceria. Relutei, mas acabei aceitando. Ao completar 8h15, começaram a aparecer os primeiros integrantes (Figura 13) e, para o meu espanto, de um número de dez candidatos, compareceram apenas quatro jovens.

Já no sitio, chegou mais um participante. Totalizando cinco membros, dos quais um não haveria de permanecer por descompromisso, lugar preenchido por Gleyce. Dessa forma, o grupo foi composto por cinco pessoas verdadeiramente interessados na nossa proposta.

A Proposição I contou com a colaboração do Brisa, jovem que fotografou e registrou esse primeiro encontro em vídeo. Sorte a nossa de termos nossos próprios registros, pois ele simplesmente perdeu os vídeos e fotos. Até hoje, pergunta por nossos encontros e sobre possibilidade de voltar. Mas foi decisão do grupo não permitir o seu retorno, pela falta de compromisso que demonstrou com os demais.

Nesse primeiro encontro foi socializado o porquê do convite ser direcionado a eles e o porquê da criação do grupo. Foi explicado também como seria minha relação com eles, que não gostaria que me enxergassem como o professor, mas que construíssemos uma relação entre iguais, embora, em muitos momentos, isso fosse difícil de se realizar. Mesmo assim, deixei claro que o nosso convívio seria de partilha, de ajuda e colaboração, de ensinar e aprender juntos. Sua reação, diante do que ia sendo exposto, demonstrou curiosidade. Mostrei ao grupo alguns livros que levava comigo sobre artes visuais, dos quais a maioria trazia, mais especificamente, a Arte Urbana.

A confecção do caderno de artista (Figura 14), que iria caminhar conosco por todo o percurso da pesquisa, foi algo que os animou bastante, talvez pela novidade de produzir um objeto que costumeiramente se compra.

Figura 14 — Caderno de Artista produzido pelo Coletivo Aries



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Minha ideia principal era construir um percurso de formação estética com o grupo que acabara de nascer, o Coletivo Aries, e, a partir desse caminhar, podermos pensar a arte dentro das comunidades nas quais os jovens residiam. Para que isso se tornasse viável, foi essencial o caderno de artista, como ferramenta de apreensão e de construção dos saberes em arte. Minhas vivências como professor de Arte me possibilitaram traçar algumas estratégias para sanar problemas que comumente enfrento no ambiente escolar formal e que poderiam surgir também no ambiente de educação não formal. Entre eles, o esquecimento de papéis para registro de ideias, cuja solução estaria no caderno de artista, local onde tudo estaria reunido caso precisássemos, em algum momento, resgatar um sentimento, uma reflexão, um trabalho, etc.

Discorri sobre a importância de usar o caderno para colar, desenhar, escrever, pintar e registrar observações, fossem elas relacionadas à arte ou não. Reforcei que aquele instrumento era apenas o ponto inicial de um trabalho que estávamos a rascunhar. Instiguei-os a pensar a partir dos seguintes questionamentos: Como vocês veem o lugar onde moram? Existe arte na rua?

Diante das perguntas, o grupo não se manifestou com palavras, apenas através das feições que denotavam reflexão. Ficaram pensativos. Mais adiante, ainda no mesmo dia, colaboraram com suas opiniões em relação às obras de Banksy¹², artista que tem muitos de seus trabalhos realizados na rua.

Ao idealizarmos a criação de um grupo que pudesse pensar e fazer arte em um contexto não escolar, perfazendo também um itinerário de formação estética, nos aproximamos inevitavelmente do universo da Arte Urbana. Outro fator importante, detendo-se ainda nesse contexto, seria uma dissolução de nossas identidades. Embora tudo fosse produzido dentro da lei, seria interessante criarmos um nome para o grupo. A proposta inicial era uma junção de todos os nomes, mas, como já relatado, ficaria demasiado grande. Foi assim que surgiu Aries, já que nossos trabalhos levariam as contribuições de todos os membros, seríamos um.

Passei a apresentar alguns de meus cadernos de artista, com costuras diferentes umas das outras, e alguns trabalhos artísticos. Achei importante compartilhar com eles o que produzia. Uma vez que tanto solicitava que tudo fosse feito no grupo e pelo grupo, fazia-se importante que eu iniciasse socializando o meu trabalho para que, assim, os demais realizassem esse mesmo exercício em Proposições futuras, pois os cadernos seriam “guardiões de lembranças que não podem se perder.” (SALLES, 2006, p.69). Percebi, pelos olhares e frases simples, como “que massa!”, que eles aprovavam o que estava sendo apresentado. Mostrei folder da exposição de Beatriz Milhazes¹³ ocorrida na Universidade de Fortaleza – UNIFOR e pedi que apreciassem as cores e as formas. Depois, apresentei o livro de Banksy, Guerra e Spray, da editora Intrínseca (Figura 15). A maioria de seus trabalhos é de simples execução, mas transmite uma mensagem muito forte. Então, se estabeleceu o seguinte diálogo, a partir do que li no livro, em voz alta:

– “Área reservada para tumultos”! A gente pode pensar em algo com a escrita – completei.

Lucas fala:

– Pensar e fazer os outros pensarem também!

¹² Banksy é um artista de rua britânico, cujos trabalhos, muitos em estêncil, são facilmente encontrados nas ruas da cidade de Bristol, mas também em Londres e em várias cidades do mundo.

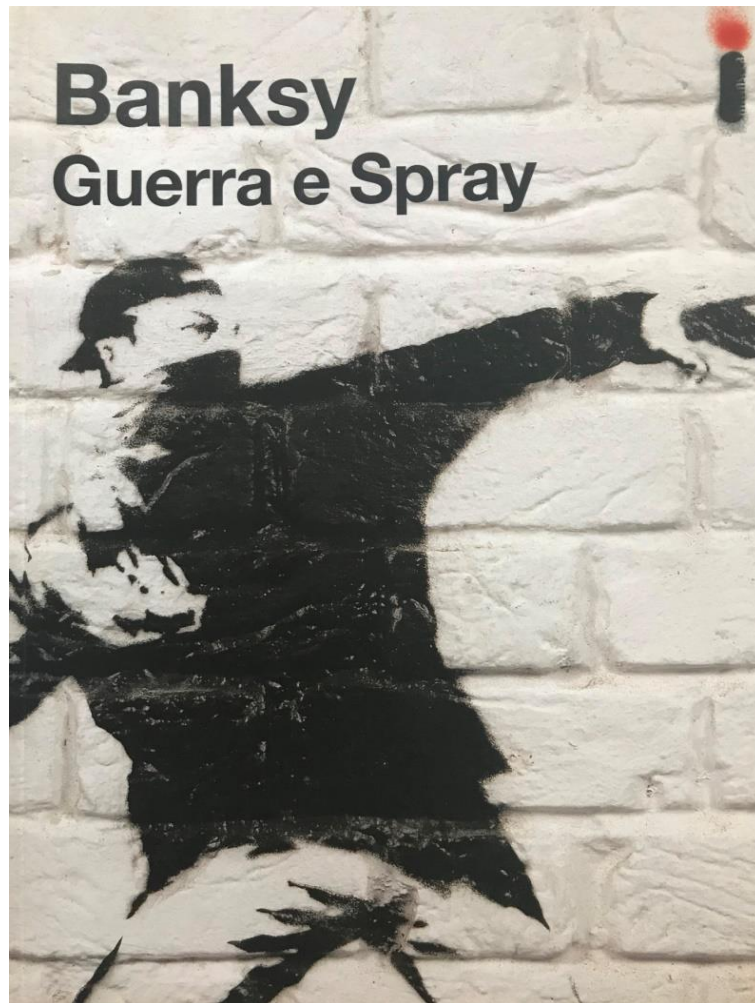
¹³ Beatriz Milhazes é uma artista plástica brasileira, sua obra é principalmente focada na pintura, usa referências do artesanato brasileiro e também do universo feminino.

– Exatamente! – respondi.

Renan menciona:

– Ele é crítico, sarcástico, irônico... um artista completo!

Figura 15 — Capa do livro Banksy: Guerra e spray



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Nessas primeiras palavras, já se percebe uma unidade no pensar e até mesmo uma criticidade. Mais adiante, analisamos como esses aspectos da fala se transformaram em elementos visuais.

O trabalho em grupo estava começando a se configurar e, na busca por referências, me encontrei em Mirian Celeste Martins (2008):

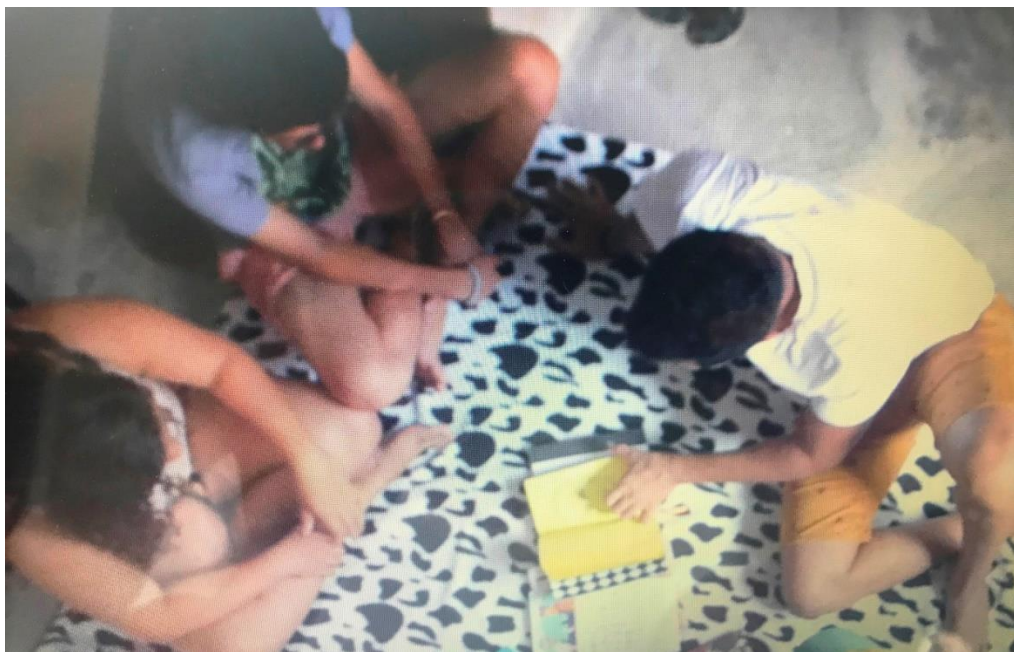
No trabalho coletivo [...] há tarefas e desafios diferentes para cada um no lugar que ocupam na rede emaranhada das relações humanas. Dentre eles, lugar de aprendiz e lugar de mestre. Em cada lugar tarefas distintas, embora ao mestre além de ensinar caiba também a tarefa de estar sempre aprendendo. O olhar curioso e as perguntas singulares do aprendiz que aprende também ensinam ao mestre. (MARTINS, 2008, p. 50).

Assim nossas relações iniciaram e, ao mesmo tempo, foram se fortificando, pois, a cada passo, aumentávamos essa troca, essa partilha, formando, ensinado e aprendendo juntos.

Em nossos encontros, sentávamos ao acaso (Figura 16), mas sempre de modo que todos pudessem ver uns aos outros. A sensação de partilha devia estar até nos pequenos atos. Desde o início, busquei estabelecer uma postura de não formalidade e de cortesia, acreditando sempre no fortalecimento do diálogo e do compartilhar.

As reflexões em cima da arte de Banksy continuaram e, concluídas as falas, demos início à produção do caderno de artista. Expus os materiais sobre um tecido com estampa de vaca, em preto e branco, e coloquei a resma de papel ofício sobre ele, além de agulhas e linhas para bordado manual, cola e tesoura. Esses foram nossos materiais base.

Figura 16 — Parte do grupo reunido sobre tecido estampado



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Embora a intenção aqui não tenha sido estabelecer comparações valorativas, mas experienciais, formativas e estéticas, foi inevitável notar que Marília era a mais habilidosa na produção do caderno de artista. Já havia, inclusive, trazido de casa alguns materiais que ajudariam na elaboração do objeto. Lucas e Nando também desenvolvem bem todo o processo, porém Renan demonstrou ter muita dificuldade na elaboração da costura do caderno. Observei que, ao longo das Proposições, outras habilidades foram reveladas por Renan e que, somadas às dos demais membros do Coletivo, acabavam por se consolidar nas produções, gerando sempre satisfação coletiva diante da construção visual realizada pelo todo.

Continuando nosso percurso, finalizamos a produção dos cadernos de artista com a pintura das capas. A ideia inicial era que eles apresentassem um caráter de igualdade, porém, ao longo dessa atividade, o Coletivo foi inquietando-se e questionando-se sobre as peculiaridades de cada um, seus gostos, sua personalidade. Foi assim que os próprios artistas modificaram as capas (Figura 17) de acordo com os seus desejos, exprimindo, em cada uma a sua identidade. O estêncil com a palavra *aries* foi utilizado por quase todos, mas de maneira que o produto final ficasse com a sua cara. Cores e outros elementos fizeram parte dessa construção de individualidades que, a posteriori, se uniriam em trabalhos coletivos.

Figura 17 — Cadernos de artistas produzidos pelo Coletivo



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

3.2 Proposição II

Nesse ato propositivo, ocorrido em uma manhã de abril de 2019, nos reunimos no coreto da Praça da Igreja Matriz novamente. Comecei o dia perguntando se haviam trazido os cadernos confeccionados em nosso último encontro. Gleyce havia sido a única a não levar, porque não pudera estar conosco na primeira reunião. Entreguei a ela algumas folhas de papel ofício para que, assim, pudesse realizar as atividades e pedi que conversasse com os demais membros do Coletivo para que pudesse também produzir um caderno de artista para alocar as suas produções e exercícios.

Entreguei ao grupo um kit (Figura 18) de materiais artísticos contendo uma caixa de lápis de cor, cola, revistas, borracha, lápis 6B, uma caixa de tinta guache e pincel.

Figura 18 — Kit com materiais artísticos



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

As revistas foram entregues, mas considerei que algumas imagens pudessem ser captadas menos rapidamente por um ou outro integrante. Os participantes poderiam recortar e assim fazer as interferências visuais em cima da imagem ou até mesmo enxerga-las como disparadoras de outras construções artísticas. Pedi que eles experimentassem, de maneira rápida, os materiais no caderno; que riscassem, pusessem tinta, recortassem e colassem algo. Depois, verifiquei os cadernos para ver as produções realizadas do último encontro até aquele dia.

Encontros que possibilitem uma formação estética em artes visuais devem, prioritariamente, possibilitar entendimento sobre conteúdos, materiais e técnicas com as quais se pretenda trabalhar, bem como a compreensão dos momentos da História da Arte. Enquanto mediador dessa formação, embora também participante do Coletivo, tive como desafio fazer com que o grupo passasse e/ou se deixasse passar “por um conjunto de experiências de aprender a observar e de criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção”(SELBACH, et al.,2010, p.73). Buscando, assim, fazer um percurso de formação estética de maneira significativa para todos os envolvidos.

Diante das falas, descobri que Marília havia feito outro caderno porque sua prima, que é uma criança, destruíra o último, confeccionado na Proposição I. Assim, ela confeccionou outro, mas, desta vez, com capa de tecido. Era em seu caderno que havia um maior número de experimentações, com colagem, desenho, pintura feita com lápis de cor, frases. Fiquei maravilhado com tudo aquilo, mas uma imagem me chamou mais atenção entre as tantas que ela produzira/adquirira: uma colagem do quarto de Van Gogh. Enquanto isso, nos cadernos dos outros componentes do Coletivo quase nada havia, o que me decepcionou um pouco, pois o pensar deles era bastante ágil e as ideias eram muitas. Apesar disso, procurei não desanimar, afinal havia produções e elas eram boas.

Logo em seguida, fui direcionando as atividades. Pedi que iniciassem com o lápis 6B, mas, antes, ensinei-os a manusear as tintas. Sempre agitar o pote de tinta antes de abrir, nunca colocar o pincel sujo de tinta dentro de outro pote de cor diferente e sempre limpar os pincéis entre um uso e outro. Fui fazendo umas misturas de cores para que eles visualizassem o processo, com o que ficaram encantados. Falei sobre o lápis de cor e a rapidez e praticidade no seu uso. Assim, começamos utilizando o lápis 6B com a técnica do desenho com linha contínua, que

consiste em fazer um desenho sem tirar o lápis do papel. Se errar, a orientação é refazer a linha, mas nunca tirar o lápis do papel para reiniciar em outro ponto, nem utilizar borracha para apagar algum eventual desacerto. Costumo falar que esse desenho é ótimo para captar a proporção das coisas com mais exatidão. A outra técnica foi a construção do desenho através de espaços negativos, que se dá em cima do vazio, da seguinte forma: desenha-se os espaços vazados, e não a coisa em si. As chances de se adquirir uma proporção correta são enormes. Após esses processos, pudemos colocar os detalhes e outros elementos, pois a forma, em sua essência, já foi captada através dessas técnicas, que podem andar juntas ou separadas e foram adaptadas do livro *Desenhando com o lado direto do Cérebro*, de Betty Edwards (2002).

Por várias vezes, fomos interrompidos pelo barulho de uma construção que estava sendo feita em uma casa ao lado da praça. Assim, optamos por nos redistribuir pelo local (Figura 19), de modo a nos afastar do barulho. Eles ficaram muito concentrados nas experimentações. O silêncio reinou!

Passadas as atividades em desenho, voltamos ao coreto para fazermos o círculo cromático (Figura 20). Nesse momento, lembrei algumas atividades que desenvolvera quando aluno do Ensino Fundamental. Fui sinalizando lentamente para eles as cores e a mistura delas, explicando a classificação das cores em primárias, secundárias, terciárias e expliquei sobre a intensidade que cada uma poderia adquirir, dependendo da quantidade de cada cor colocada na mistura. Apresentei ao grupo algumas tabelas que havia feito nas aulas de pintura, quando estudante universitário. Alguns demonstraram já saber sobre misturas de cores. Os que não sabiam foram aprendendo com os outros, tornando aquele um importante momento de partilha. estava concluindo uma mistura quando Gleyce comentou:

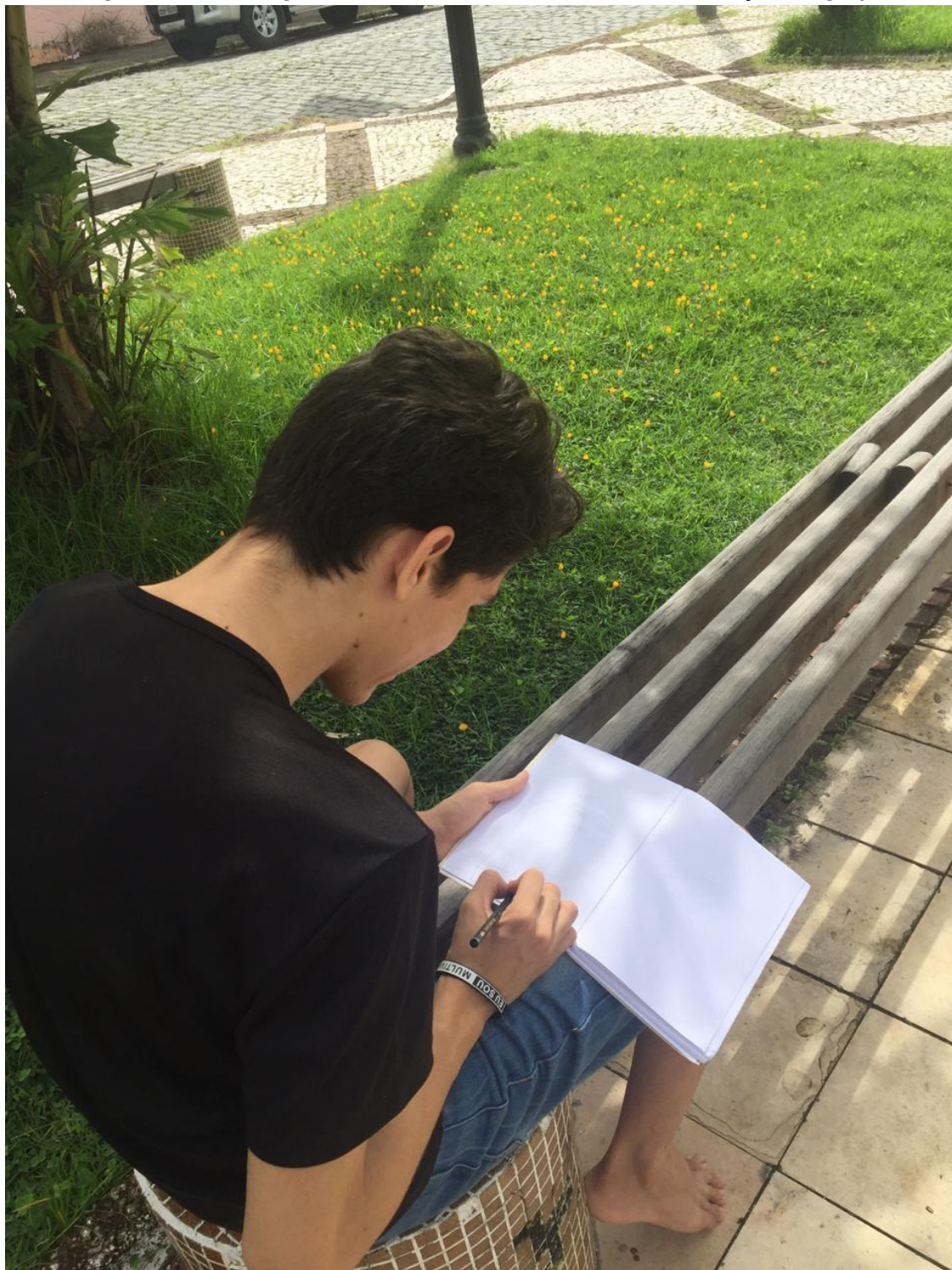
— Olha que interessante: o vermelho com o verde dá marrom! Uma cor bem escura, e a gente olhando assim para elas, em separado, nem imagina.

Renan complementou:

— Eu só tenho uma certeza! É de que branco e preto combinam com qualquer coisa.

Concordei com ambos, agradei a contribuição e segui tentando aliar o conhecimento ali adquirido às possibilidades de uso nos trabalhos a serem feitos nas ruas da cidade.

Figura 19 — Integrante do Coletivo desenhando na Praça da Igreja Matriz



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Em continuidade, Gleyce indagou-me sobre os tons de pele e as possíveis cores a serem misturadas e os meninos do grupo falaram de seus nomes artísticos: Lucas era Tistu; Renan, Grizz e Anderson, Nando. Achei deveras interessante esse aspecto e esclareço que a criação desses nomes não foi proposta por mim, mas algo anterior à formação do Coletivo, e que eles já usavam os pseudônimos há algum tempo.

Figura 20 — Pintando o círculo cromático



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Ao concluirmos a pintura do círculo cromático, iniciamos uma pintura sobre tecido, usando a nossa marca em estêncil para pintar blusas que vestiríamos em nossas Proposições.

A ideia de criar essas blusas foi sendo construída através do *Whatsapp* e gerou um senso de pertencimento ao grupo, a partir do qual os participantes passaram a se enxergar bem integrados ao processo. Em consequência do tempo,

do calor e dos pais de alguns membros do Coletivo que ligavam para informarem-se quanto ao horário do término, estávamos com pressa para encerrar o nosso momento. Assim, pintamos algumas blusas (Figura 21), mas outras, assim como o estêncil, tintas e pincéis, foram levadas por Nando para serem estampadas em sua casa,

Figura 21 — Pintura de blusa com estêncil



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Como na construção dos cadernos de artista, eles também queriam ir além do estêncil. Alguns colocariam o nome na parte das costas da blusa, enfeitando-a com outros elementos visuais. Mas, como o tempo estava bastante corrido, não foi possível, ficando apenas a marca do grupo – o nome Aries - estampado na camisa. Enquanto um pintava, já que havia apenas um estêncil, os outros olhavam as

aquarelas que havia em meu caderno de artista, sempre regados por uma conversa sobre cores. Finalizei o encontro solicitando que eles continuassem a produzir arte nos cadernos, pois seriam as nossas fontes inspiradoras para futuros trabalhos nas comunidades em Pacatuba.

3.3 Proposição III

Nas proposições anteriores, recorrentemente, esquecia-me de ligar o gravador antes de iniciar nosso momento. Porém, na Proposição III, essa foi a primeira ação. O diálogo, contudo, foi tão proveitoso que as fotos para registro praticamente não aconteceram, tendo sido lembradas e registradas apenas ao final do encontro. (Figura 22).

Iniciei a reunião com um diálogo com Marília a respeito das suas produções em seu caderno de artista. Logo após, adentramos no mundo de alguns pintores, através de alguns livros. Trouxe parte da coleção Grandes Mestres, da Editora Abril. Os títulos contemplados foram: Dalí, Van Gogh, Matisse, Botticelli, Kandinsky, Picasso, Toulouse-Lautrec, Leonardo da Vinci e Bosch.

Figura 22 — Registro do Coletivo na Proposição III



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Esse momento de nutrição estética, de alimentar-se de obras de vários mestres da arte, se estendeu também aos demais membros do Coletivo, afinal “o objetivo maior de uma nutrição estética é provocar leituras que possam desencadear

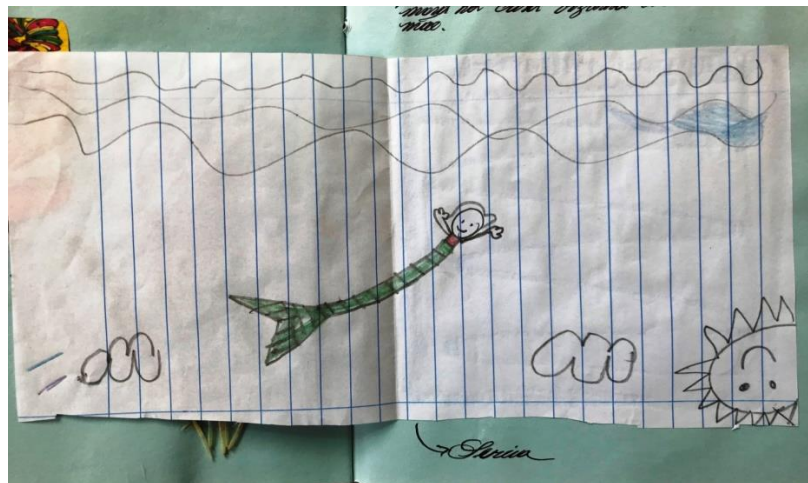
um aprendizado de arte ampliando as redes de significação do fruidor” (MARTINS et al, 1998, p.140). Neste sentido, supus que todos do Coletivo necessitassem desse nutrir estético.

Dessa forma, a noite caiu e a conversa continuou com foco na colaboração mútua. Pensamos no que poderíamos realizar ali, na praça. Marília falava em uma imagem de monstros que havia visto na internet. Acredito que fossem Lambe-Lambes, pois ela dizia que tais monstros eram grudados em bancos. Fazendo a associação, falei para ela sobre a possibilidade dos Lambe-Lambes, que são peças produzidas em papel, podendo ser impressas ou feitas manualmente, geralmente na casa ou ateliê do artista, e levadas à rua para serem coladas com uma mistura de cola branca e água, um modo de fazer arte tão rápido quanto o estêncil.

O foco principal desse encontro propositivo foi o aglutinar de ideias para uma produção artística na rua, com o intuito de melhorar a paisagem na comunidade de um dos membros do Coletivo. Somado a isso, estaríamos também ampliando nosso olhar sobre o fazer arte, além das experimentações de suporte e materiais diferentes.

Estávamos na Praça da Fonte, no município de Pacatuba, ambiente aberto, onde havia muitos transeuntes. O diálogo seguiu e abri um de meus cadernos de artista, que Marília folheou e viu o desenho de uma criança, que eu havia ganhado uns dias atrás. Tratava-se de uma sereia (Figura 23) e daí veio um *insight*, pois, no caderno dela, havia um desenho semelhante, uma calda de sereia (Figura 24).

Figura 23 — Sereia: Desenho de criança colado em meu caderno de artista



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Figura 24 — Calda de Sereia por Marília



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Somado às cores utilizadas nos cadernos de artista dos outros membros, suscitaram um fazer arte reelaborando este potencial criativo. Assim, iniciou-se a idealização do primeiro trabalho do Coletivo na rua, de modo que outras pessoas também pudessem prestigiar nossas composições artísticas, pois, até então, estávamos na rua, mas em uma construção muito nossa, mais intimista.

Aproveitei a direção da conversa para relatar sobre uma viagem que pretendia fazer para Nova York, a fim de conhecer alguns museus famosos e

contemplar as obras de grandes artistas mais de perto, bem como ter contato com a arte de rua nova-iorquina e trazer para eles toda essa experiência, alimentando o grupo do *Whatsapp* com vídeos e fotos dos lugares que, por ventura, eu chegasse a conhecer. Aqui cabe um parêntese para lembrar que as viagens sempre fizeram parte de minha formação enquanto artista e que, ao logo desta pesquisa, todas as viagens que fiz, para perto ou longe, sempre foram compartilhadas com o Coletivo pelo viés artístico. Afinal, a nutrição estética é essencial para quem produz arte. Sabermos de nossa realidade é importante, mas também é relevante saber o que acontece no mundo para assim ampliarmos o nosso olhar. “São inúmeros os exemplos, nas artes visuais, das viagens em direção a novas luzes e, conseqüentemente, a novas cores, Gauguin e o Tahiti, Van Gogh e Arles ou Klee e a Tunísia” (SALLES, 2006, p. 57).

Assim, com o Coletivo reunido, com execução de Gleyce e Nando, por questões relacionadas ao trabalho, as conversas se intensificaram e perguntei-lhes:

— O que vocês pensam no dia a dia que está no caderno?

Dessa forma, fomos adentrando o planejamento da ação artística, visualizando as criações de cada um em seus cadernos de artista, recordando os encontros anteriores e reafirmando a questão da colaboração, da partilha e do envolvimento que cada um daria nesse processo, nesse caminhar. Ressaltei a importância de se levar o caderno de artista para todos os lugares, pois em suas falas era comum relatarem a falta de tempo, embora a maioria apenas estudasse. Eles concordaram e se comprometeram a pensar mais sobre a arte e, principalmente, a produzir mais.

Debatemos também acerca da solicitação para produção da arte em determinados espaços, embora na Arte Urbana, principalmente no campo das artes visuais, pedir autorização não seja muito usual, até pelo seu sentido. Contudo, por se tratar de um grupo de jovens, é sempre muito importante esclarecer todos os pontos, para que os trabalhos que pretendíamos realizar nas ruas da cidade fossem feitos sem interferências nocivas e sem prejuízos aos próprios jovens artistas.

Tracei um panorama através dos livros que trouxe para socializar com eles as imagens sobre a História da Arte, elementos visuais e técnicas. Por sua vez, eles entraram no diálogo trazendo o conhecimento de mundo e também relembaram

conhecimentos adquiridos nas aulas de Arte que tiveram na escola pública estadual na qual leciono.

Quando estava a falar de arte, em minha mente veio um turbilhão de imagens. Nesse efervescer, surgiu mais uma recordação, que resolvi compartilhar com eles. Em minha adolescência, o contexto familiar era bastante complicado. Meus pais faziam o que podiam para que nada nos faltasse e eu sempre valorizei muito isso. Então sempre procurei batalhar para alcançar meus objetivos. A imagem de uma natureza morta, de Van Gogh, me trouxe à tona um momento em que peguei uma moldura velha que havia encontrado próximo de casa e que acredito que alguém a tenha jogado fora por estar velha. Com essa moldura, resolvi fazer uma tela, mesmo sem ter conhecimento algum sobre o tema. Eu pensava que era apenas esticar um tecido sobre ela e colocar uns pregos e assim o fiz, pedindo ajuda à minha mãe apenas para conseguir o tecido. Fui no quintal de casa, recolhi algumas flores, coloquei em um jarro de vidro que sobrava, peguei umas tintas que tinha conseguido com uma professora da escola e me debrucei a pintar. Ao término de meu relato, Lucas, que estava muito atento, comentou:

— Isso é para você ver: a arte é uma necessidade!

Concordei com ele, pois “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando” (OSTROWER, 2014, p.10). A arte é um complemento da vida e “o fazer poético em sua complexidade nos leva a lugares distintos, como também nos revela ferramentas para a imaginação, a criação e a sedução de formas e cores para falar sobre nós e os outros.” (GONÇALVES, 2002, p.53). Assim, a arte faz-se carência humana.

Com o passar das horas, aproximaram-se alguns alunos da escola onde leciono, interessados no porquê de estarmos ali, reunidos. Expliquei sobre o Coletivo Aries e o intuito de juntar nossas poéticas e criar um trabalho com uma identidade de grupo, a ser realizado em um fim de semana, na comunidade do São José, local onde reside Renan. Após essa explicação, despediram-se e seguiram caminho e nós continuamos a conversa, analisando as influências que sofreram alguns artistas em decorrência da produção de outros.

Ao folhearem o livro do Kandinsky, um membro do Coletivo afirmou:

– Essa é a única arte que eu sei fazer!

E sorriu. Ao que respondi:

– Eu trouxe este livro justamente para que vocês pudessem ver que é possível produzir arte sem que ela seja exatamente uma cópia do mundo real, para que vocês vissem que existem outras possibilidades de criação em arte.

“A temática da abstração pertence ao século XX. A ‘autonomia da forma’, ou seja, o conteúdo expressivo que existe numa elaboração formal, independentemente de as formas representarem figuras, fora proclamada por Wassily Kandinsky, em obras criadas na Alemanha, a partir de 1910” (OSTROWER, 2013, p.349). Mesmo a abstração sendo algo do início do século XX, ainda causava estranhamento em alguns participantes do Coletivo e a impressão de que seria algo fácil de realizar. Segui comentando já ter visto uma obra desse artista em um museu de Buenos Aires, aproveitando para explicar que, para mim, não seria fácil a produção abstrata em arte, pois são, na verdade, trabalhos com tamanho grau de complexidade tanto quanto as obras clássicas.

Nessa noite, reavivei a lembrança da sereia e, dessa forma, combinamos que o principal elemento visual do nosso trabalho na rua seria a cauda de uma sereia e o local escolhido, um velho tanque da Cagece – Companhia de Água e Esgoto do Ceará – existente na Comunidade do São José. Decidimos que esse trabalho, em termos visuais, seria pensando no próprio local, já que, nos cadernos de artista dos membros do grupo, havia ainda poucos elementos. Da produção de Marília, aproveitaríamos as cores e a cauda de sereia, aglutinaríamos a estes um desenho infantil que ganhei de uma garotinha que mora ao lado da casa de minha mãe (Figura 23). As principais cores escolhidas foram os tons de azul e verde e optamos por usar elementos mais chapados e possivelmente um estêncil de plantas aquáticas, caso fosse viável alguém do Coletivo produzir esse elemento em casa. Do contrário, seria feito em pintura convencional na hora da execução do todo.

As imagens presentes nos livros que trouxe dos artistas anteriormente citados serviram para maximizarmos o nosso olhar, pois “alimentar os aprendizes com a ampliação de referências e diálogos que problematizam o projeto certamente impulsionará o perseguir ideias, indo mais longe do que poderíamos prever”

(MARTINS et al, 1998, p.161). A expansão do repertório imagético para quem pensa e produz arte é sempre essencial.

3.4 Proposição IV

Chegamos cedo na Comunidade do São José. Cada um trouxe algum material de pintura que havia em casa. Trinchas, rolos de pintura, pinceis diversos, baldes, etc. Quase todos vieram vestidos com a blusa que havíamos produzido na Proposição II. A empolgação do Coletivo era algo bonito de se ver.

Na manhã de 8 de junho de 2019, começamos o nosso trabalho dissolvendo a cal em água, momento em que nos demos conta de que precisaríamos de mais água, além daquela que havíamos levado. A força tarefa iniciou. Grizz e Tistu pegaram uma bicicleta e foram até a casa da avó do primeiro para buscar mais água, retornando cansados, mas com muita vontade de trabalhar. Mexemos a cal com um cabo de vassoura e, depois de pronto, a separamos em dois baldes menores, o que agilizou o trabalho de deixar o tanque, local de nossa pintura, apto a receber nossa arte.

Alguns estavam com medo de se sujar, mas expliquei que, quando trabalhamos na rua, sujar-se é quase inevitável. Nando sugeriu ao grupo passar outra demão de tinta para deixar a superfície mais branca, para que a arte ficasse mais realçada, com as cores mais vivas. Assim, ganhamos mais um aprendizado, além do de limpar sempre o pincel antes que ele encontrasse outra cor, a não ser que se deseje unir duas cores.

Paralelo ao nosso trabalho, percebemos o som dos pássaros, o barulho de carros, ônibus, transeuntes, cheiros e vento também se misturam em nosso produzir. Tudo parecia afetar nossa produção artística, a rua inquieta e os olhares nos modificavam. Eram muitas as falas de pessoas que passavam pelo local, as perguntas mais variadas. “Vão fazer uma arte aqui, é?”, um rapaz questiona. Respondemos: “sim!”. Outro indagou: “vocês estão trabalhando pela Prefeitura?”. “Não”. “Posso tirar uma foto de vocês?” “Pode”. Nas seções seguintes, abordamos essa questão da foto, pois atender a esse pedido nos rendeu muitos incômodos.

Enquanto realizamos a pintura base, fomos debatendo acerca dos desenhos que cada um criou para o espaço e das cores. (Figura–25).

Figura 25 — Lucas e eu, debatendo elementos estéticos do trabalho em curso



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Percebi que muitos deles tinham medo de possíveis erros. Qualquer pingote de tinta em local não programado gerava receio ou decepção. Confortei-os dizendo que o que não fora programado poderia ser um novo elemento visual a ser trabalhado, dando uma característica diferente ao que havia sido pensado. Talvez “até mesmo certos erros no trabalho foram inspirados. [...] Não há como a inspiração possa ocorrer desvinculada de uma elaboração já em curso, de um engajamento constante

e total, embora talvez não consciente” (OSTROWER, 2014, p. 72-73). Ela persegue todo e qualquer trabalho artístico e independe do artista.

A estrutura na qual iríamos realizar nosso trabalho tinha forma quadrangular e possuía uma abertura bem no centro de sua superfície na parte superior, orifício a partir do qual pensamos em como disporíamos nosso principal elemento estético, a cauda da sereia. Ela iria parecer sair daquele local. Gleyce, com a tinta preta, ampliou a abertura já existente (Figura 26), provocando, de certa forma, uma ilusão de ótica, já que o buraco era escuro.

Figura 26 — Gleyce, pintando em volta da abertura do tanque.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Pareceu-me válido, nesse momento, distribuir as atividades entre o Coletivo, pois alguns estavam sem saber onde se colocariam dentro de todo o processo, já que era nossa primeira vez fazendo algo maior. A partir dessa redistribuição de funções, o trabalho foi se construindo de maneira mais fluida. Gleyce ficou com a parte de cima do tanque; Nando e eu, com a Lateral; Marília, na produção das

plantas aquáticas do entorno; Lucas e Renan, com a pintura da cauda. Estes últimos, por também estarem envolvidos com a linguagem musical, passaram o encontro todo cantarolando, animando o Coletivo. As funções, antes delegadas, puderam, ao longo do processo, ser invertidas.

Lucas teve a ideia de colocar uma pintura como se fosse algo jorrando a partir do orifício já existente na estrutura. Questionei sobre a viabilidade de tal coisa, ele me falou não saber como executar. O grupo observava atento, então eu os fiz pensar acerca do que tínhamos disponível, do tempo e, principalmente, daquilo que nós, enquanto Coletivo, conseguiríamos realizar, levando em consideração as particularidades de cada um, pois “o processo de criação de uma obra não apresenta fáceis resoluções; há relações e problemas que demandam estudos e adequações” (FERRARI, 2012, p.162), ainda mais quando pensamos em poéticas em grupo.

No percurso, surgiram perguntas sobre a imagem que estávamos a pintar no local, se estaria entrando ou saindo do orifício que havia no tanque. As opiniões divergiram. Seguimos buscando a forma ideal. Lucas propôs que a cauda fosse feita em degradê e que houvesse um contorno preto em todos os elementos da pintura. Gleyce sugeriu uma parede de pedras em uma das laterais, o que julguei excelente. Assim, o grupo seguiu apressando-se por conta do aumento da temperatura.

Foi interessante a busca por tais elementos estéticos. Fiquei impressionado com a procura de soluções por parte deles, pois:

A atividade criativa consiste em transpor certas possibilidades latentes para o real. As várias ações, frutos recentes de opções anteriores, já vão ao encontro de novas opções, propostas surgidas no trabalho, tanto assim que continuamente se recia no próprio trabalho uma mobilização interior, de considerável intensidade emocional. Nessa mobilização está inserido um senso de responsabilidade. As opções se propõem quase que em termos de princípios, de “certo ou errado” e, no caso das artes, o quanto custa decidir uma pincelada, a exata tonalidade de uma cor, [...] todo artista bem o sabe dentro de si. (OSTROWER, 2014, p.71)

Foi um processo árduo a escolha por um ou outro elemento visual e, no trabalho coletivo, o embate persiste durante toda a prática artística. Porém, as escolhas foram sendo feitas de modo que o Coletivo se demonstrasse satisfeito, afinal, ali estavam presentes todas as identidades dos membros participantes.

É importante ressaltar que, durante o processo criativo, as cores foram sendo construídas no próprio local. Levamos apenas as primárias, preto e branco. Os processos artísticos coletivos “como consequência, mostram uma rede criadora bastante densa. Tudo que está sendo descrito e comentado ganha a complexidade da interação (nunca fácil, de maneira geral) entre indivíduos em contínua troca de sensibilidades” (SALLES, 2011, p.56). Essa troca, por sua vez, embora difícil, gera contribuições significativas ao objeto artístico, no sentido de que amplia a sua qualidade estética.

Quando se está na rua e em grupo, todos levam a fama por qualquer intervenção que um ou outro venha a fazer. Assim, tive que chamar a atenção de Renan e Lucas por terem feito uma marcação em um poste com a lata de spray. Como o carro da polícia já havia passado várias vezes para ver o que estávamos fazendo e, no grupo, havia menores de idade, me senti no dever de intervir nessas atitudes e pedir que eles cobrissem a marcação que haviam feito. Eles escreveram o nome Grizz e Tistu, seus nomes na arte. Na ocasião, ficaram um pouco tristes e se justificaram, mas, no final, acabaram compreendendo que, ali, todos estavam com um só nome: Coletivo Aries.

O grupo se preocupou com as fotos que alguns pedestres tiraram do momento da pintura, temendo que alguém da prefeitura se apropriasse de seu trabalho. Algo semelhante, de fato, aconteceu. Um senhor que estava concorrendo a conselheiro tutelar utilizou-se de uma dessas imagens como foto do seu perfil no *Whatsaap*, a mesma continha seu nome, seguido da frase: “Ele sim!” (Figura 27), em uma tentativa descarada de fazer politicagem.

Figura 27 — Foto do perfil do candidato a Conselheiro Tutelar de Pacatuba



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Logo descobrimos que ele estava afirmando ter solicitado ao Coletivo para realizar aquele trabalho na comunidade, a fim de deixar o local mais bonito. Como sou figura conhecida, essa notícia logo chegou até mim e foi assim também que surgiu um convite para uma matéria no Paca Online, uma plataforma na internet que noticia acontecimentos da cidade e boas iniciativas. O repórter Darlyson Deles contatou-me via rede social e, dessa forma, repassei a ele todas as informações acerca do Coletivo.

A matéria que saiu sobre o Coletivo instigou ainda mais os jovens participantes a buscar conhecimentos em arte e ampliar as suas referências para possíveis trabalhos a serem realizados nas ruas. A repercussão sobre a notícia e os comentários nas ruas, pelos amigos, familiares e até desconhecidos funcionaram como incentivadores de todo o processo que o grupo estava a construir.

Após essa positiva exposição na internet, surgiu outro convite: uma matéria para o Jornal O Povo (Figura 28), noticiário de grande circulação no estado do Ceará.

Figura 28 — Matéria sobre o Coletivo Aries no O Povo



OPOVO online Notícias Esportes Divirta-se Vida & Arte Vídeos FALE COM A GENTE ASSINE Q

NOTÍCIA

Em Pacatuba, voluntários se reúnem para revitalizar espaços públicos

O grupo pretende estender o projeto para outras comunidades. Em breve, eles estarão revitalizando a comunidade do Alto São João, também em Pacatuba

09:06 | 28/06/2019

0 f t

Leia Mais

Seleção Sub-17 goleia Austrália por 4 a 0
17:37 10/09/2019

Arthur Lira diz que plenário da Câmara votará destaques do projeto de licitações
17:32 10/09/2019

Fonte: Jornal O Povo (2019).

Dessa vez, consegui reunir parte do grupo para que as falas fossem coletadas. Fomos entrevistados via Whatsapp e enviamos algumas fotos do nosso trabalho e das nossas produções. Essa matéria nos rendeu bons olhares e funcionou como uma injeção de ânimo no Coletivo, que não acreditava no reconhecimento por algo que começou com encontros de formação em arte nas ruas de Pacatuba. O que nos movia era apenas o desejo em pensar e produzir arte, sendo todo o trabalho voluntário e os recursos, próprios. Entretanto, a aprovação do nosso trabalho pelas pessoas contribuiu para ampliar o senso da força que a arte possui.

Findado o processo de construção da arte no tanque (Figura 29), apareceu uma mãe com sua filha, que lhe falava, envergonhada, que queria pintar também. O grupo se comoveu com tamanha atitude e até convidou a pequena menina a manipular algumas tintas, ao que ela, muito tímida, recusou.

Figura 29 — Pintura concluída



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Além do reconhecimento no momento da realização do trabalho e da exposição via Jornais local e estadual, houve também sentimentos de gratidão via status de *Whatsapp* e *Instagram*. Recebi alguns prints, dos quais apresento dois no corpo desse texto (Figura 30 e 31), comparando o antes e o depois do espaço modificado.

Figura 30 — Print 1 – Antes do Coletivo/ Figura 31 — Print 2 – Depois do Coletivo



Fonte: Acervo Pessoal (2019).



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Interessante observar a escrita em ambos os *prints*, totalmente descompromissada com as regras de escrita convencional, fazendo-me concluir que foi proposital, planejada, tal qual a arte urbana, espontânea, fugindo das convenções. Tanto as matérias jornalísticas quanto essas falas via redes sociais desembocaram em reflexões a serem realizadas por quem estava dentro do processo e por aqueles que o vivenciaram de fora.

Ao escrever sobre tais encontros, as memórias são muitas e, em um vai e vem quase infinito, veio agora, em minha mente, o almoço propiciado pela avó de Renan, o carinho com que ela nos recepcionou (Figura 32) e o cuidado e a atenção com que os jovens do Aries lhe retribuíram. Foi uma construção artística à parte, uma *performance* do afeto.

Figura 32 — Encontro com a avó do Renan para o almoço.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Diante de tão calorosa recepção, ficamos muito à vontade e os diálogos se tornaram intensos. Nando trouxe em sua fala a lembrança do desejo do grupo em ter uma espécie de maquete para visualizar o trabalho antes da execução e do quanto foi importante ter esse objeto para auxiliá-lo na elaboração da arte final. Não soltou esse projeto de maquete por um instante, mesmo estando em momento de almoço. Na foto (Figura 31) ele a segura com bastante zelo. Relembramos também o diálogo com um artesão que passou pelo local, que nos indagou:

— Vocês vão fazer só aqui?

— Não, a gente pretende fazer em outros bairros também. Possivelmente, o Alto São João será próximo — Respondi.

— Era horrível esse tanque, agora tá bonito, vai ficar vistoso! Aqui não é muito comum esse tipo de arte, mas, no Rio e em Minas, as pessoas gostam muito. Falo isso porque já morei por lá.

Vários transeuntes passaram pelo local e aqueles que não expuseram seus sentimentos em fala fizeram-no através dos olhares. Assim, o público estabeleceu uma importante relação com a obra. “Esta relação é descrita de diferentes maneiras: complementação, cumplicidade, jogo, alvo de intenções, associação, soberania do receptor e do possível mercado” (SALLES, 2011, P.54). O receptor completa a obra.

Findado esse dia, nossas conversas continuaram em ambiente virtual, via aplicativo de mensagens, trocando imagens, percepções, desejos e anseios.

3.5 Proposição V

Em uma sexta-feira de agosto de 2019, logo no início da noite, recebi o Coletivo Aries na Praça da Fonte, em Pacatuba. Compareceram Marília, Nando, Lucas e Renan (Figura 33). Gleyce infelizmente, não pode comparecer por conta do trabalho com a mãe. Recebemos também algumas participações especiais, eu diria; alguns alunos e ex-alunos que passaram pelo local, aproximaram-se, envolveram-se e acabaram por deixar suas contribuições.

Embora considerasse todos os nossos encontros propositivos como trabalhos, afinal, estávamos em um processo formativo, algumas ações despertavam olhares de mais pessoas e, por isso, mereciam uma maior atenção. Esse momento na Praça tinha por propósito avaliar a última Proposição, assim como também pensar na próxima intervenção, a ser realizada na Comunidade do Alto São João, em Pacatuba, local esse em que morei por muitos anos, trazendo-me uma memória afetiva muito intensa e agradável. Acredito que, até o presente, o mais difícil para mim, enquanto pesquisador e participante do Coletivo, tenha sido esse distanciamento, no sentido de não influenciar na produção dos demais. Colaborei e partilhei, mas não interferi nas escolhas. Foi tudo feito em compartilhamento, em aceitação e acolhimento às ideias de todos.

Figura 33 — Coletivo Aries na Praça da Fonte, em Pacatuba.



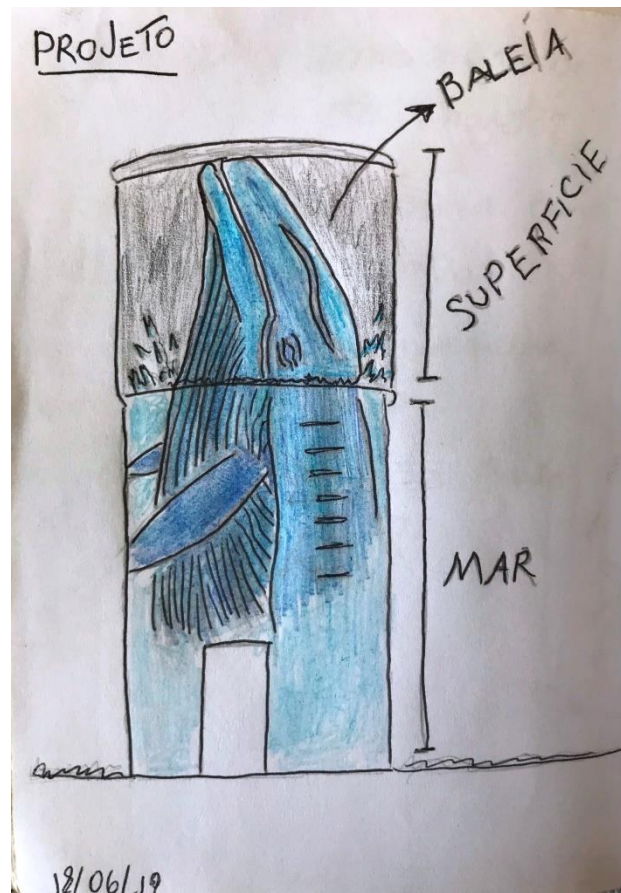
Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Rememorei a pergunta da repórter do jornal O Povo, quando me perguntou se aquele trabalho (Figura 28) seria o primeiro, para dar ciência ao Coletivo do modo como a maioria das pessoas pensa. Para muitos dos que apreciaram de fora, foram aquelas ações vistas por todos que realmente contaram como trabalhos, porém, para nós, todas as Proposições foram trabalhos, sem as quais, essas ações não teriam sido possíveis. As produções de arte na rua não nasceram lá, elas nasceram nos nossos encontros e foram sendo construídas em nossas Proposições. Aproveito para reforçar a ideia de Proposição. Tudo que construímos até o presente foi proposto, e não imposto ao grupo. Todas as ideias e contribuições do Coletivo foram valiosas, debatidas e aceitas ou não pelo todo e não apenas por mim.

Pedi que todos dessem uma olhada no grupo do *Whatsapp*, nas imagens de possíveis locais para trabalhos artísticos. A que chamava mais atenção era a de um antigo chafariz, na Comunidade do Alto São João, sobre a qual já havia

demonstrado interesse em fazer algo. Solicitei as opiniões do grupo, que, até então, estavam adormecidas. Assim, a imagem do chafariz começou a ser pensada enquanto obra. Nando já havia feito em seu caderno um croqui (Figura 34) de um possível trabalho neste local e apresentou aos demais.

Figura 34 — Croqui 1 do Nando.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Todos se empolgaram e, ali mesmo, começaram a folhear os seus cadernos de artista em busca de referências que pudessem ser agregadas àquele projeto de Nando, que criticou o próprio trabalho e o refez (Figura 35). Então, começaram a surgir cores, elementos visuais e a união entre eles. Um debate rico e de descobertas, pois as potências criativas estavam ali diante de todos, buscando apenas disparadores. E eles chegaram, foi então que começaram a aparecer as imagens que se desdobrariam no trabalho a ser realizado na Proposição VI.

Figura 35 — Croqui 2 do Nando.



Fonte: Acervo Pessoa (2019).

“[...] Todos os registros deixados pelo artista são importantes, na medida em que podem oferecer informações significativas sobre o ato criador. [...] Há criação em diários, anotações e rascunhos” (SALLES, 2006, p. 36). Esses desenhos, além de potenciais criativos, trazem consigo o mundo de quem os criou.

Observemos nas estruturas desenhadas por Nando (Figuras 34 e 35) o local onde está localizado o desenho. No primeiro croqui, ele fez um desenho que

abarcou toda a formação do chafariz, já no segundo, apenas desenhou uma parte, que não contemplou o topo da estrutura, o que gerou um debate no grupo:

– Como vamos conseguir trabalhar essa parte mais alta do chafariz?

Essa indagação, feita por um dos adolescentes, foi bastante relevante, pois, na Proposição anterior, na rua, nossos artistas puderam experimentar das intempéries do tempo, vento, sol, calor, poeira. Tal questionamento acabou por modificar a construção visual do trabalho artístico.

O grupo comentou que o trabalho na rua acabou dando a eles mais autonomia e coragem, uma vez que, antes de sua realização, alguns perguntavam se iria haver um “teste” antes da execução, porque estava tudo apenas no plano das ideias e o que tínhamos de mais palpável era uma espécie de maquete, feita com uma caixa de secador de cabelos. A propósito, essa ideia de maquete nos acompanhou também no trabalho realizado na Comunidade do Alto São João.

No dia da Proposição IV, muitos não estavam confiantes de que o trabalho iria ficar “bom”. Eles tinham uma exigência própria de que a obra deveria agradar esteticamente a eles e aos que por ali viessem a transitar. Destaco que, quando unimos forças, a tendência é que as coisas saiam como gostaríamos.

“A imagem é sempre uma forma estruturada. Nela se condensa toda uma gama de pensamentos, emoções e valores” (OSTROWER, 2013, p. 90). Dessarte, o Coletivo seguiu em suas construções artísticas em busca da forma ideal, tendo como princípio a soma das ideias de seus membros. Uma procura difícil, se levarmos em conta as potencialidades e desejos individuais, pois “não se pode deixar de mencionar, também, a complexidade envolvida na inter-relação de tendências, no caso dos processos coletivos” (SALLES, 2011, p. 56). Há uma atribulação inerente ao ato de unir conceitos, criações e sensações em uma obra de arte apenas.

Na tentativa de uma construção artística que agradasse ao Coletivo, Renan apresentou seu trabalho (Figura 36), do qual o grupo acolheu um elemento visual, a flor, e também a proposição de cores. Segue:

Figura 36 — Croqui Renan.



Fonte: Acervo Pessoa (2019).

Retomando o assunto das viagens e as suas possíveis contribuições ao fazer artístico, falei de minha experiência ao visitar alguns museus em Nova York, entre eles o Guggenheim e o The Met (The Metropolitan Museum Art). Na ocasião, aproveitei também para entregar ao Coletivo alguns catálogos que trouxe desses

museus e algumas canetas, em cores diversas. Tomei essa atitude como forma de incentivo e ampliação do repertório imagético de cada um deles.

Precisamos nos manter e também manter nossos aprendizes da arte em estado de atenção vigente, abertos e sensíveis. Instigar com ideias germinadoras, nutrir com imagens visuais, sonoras, sinestésicas, cênicas, desafiar a ousadia de buscar novas perspectivas, novos modos de ver, ouvir e agir, de conhecer outras épocas e culturas. (MARTINS et al, 1998, p.161)

A nutrição estética se faz necessária em processos de formação em arte. Torna-se essencial conhecer outros mundos e instigar-se por eles. Assim, também destaquei a importância de ver os trabalhos de arte *in loco*, “a dimensão, o tamanho, a materialidade traduzem outra percepção que ficará marcada, vividamente, nas memórias significativas” (MARTINS et al, 1998, p.136). Quando adolescente, jamais imaginei ou cogitei fazer uma viagem sequer pelo Brasil, quanto mais para o exterior, pois, em tempo algum, jamais ouvira sobre essa possibilidade. Hoje, compreendo que “os encontros com novos interlocutores são momentos importantes [...] quando ideias que pareciam isoladas passam a ganhar sentido pela descoberta de um outro que as significa” (ALBANO, 2007, p.90). Assim, tento despertar no Coletivo essa reflexão, um pensar sobre possibilidades.

“Ensinar [...] é possibilitar que o outro construa sentidos [...], assimilando e acomodando o novo em novas possibilidades de compreensão de conceitos, processos e valores” (MARTINS et al, 1998, p.128-129). Nessa perspectiva, nossos encontros foram traçados e, principalmente, sentidos, já que o novo estava sempre sendo ressignificado. As discussões geradas em torno da arte nos levavam para além dela, contribuindo para uma formação, acima de tudo, humana.

3.6 Proposição VI

Entre as lembranças mais marcantes do sábado, 17 de agosto de 2019, recordo-me de Lucas Almeida (Tistu) subindo a escada (Figura 37), que muito nos auxiliaria nessa produção artística na rua, e da luz que se desenhava por trás de sua figura esguia. Era uma imagem deveras interessante, que talvez tenha atraído a minha atenção porque o sol sempre foi um balizador de nossa arte na rua, conduzindo o nosso movimento, o nosso fazer. Vê-lo ali, somado a figura de Lucas,

me trouxe bons sentimentos, pois lembrava que a nossa arte era feita através de uma aliança, um saber unir elementos visuais a nosso favor.

Figura 37 — Tistu na escada.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Iniciamos o trabalho limpando o entorno do chafariz (Figura 38), pois neste ambiente era muito comum que as pessoas depositassem lixo. Nossa arte acabou por fazer as pessoas enxergarem o local e, passados alguns dias, até o lixo parou de ser colocado ali, puseram também um refletor para iluminar a pintura, plantaram e fizeram no entorno uma espécie de cerca com uns pneus coloridos em amarelo e azul.

Dando continuidade, após o processo de limpeza, começamos a pintar com cal a estrutura do chafariz, até onde a escada e os nossos materiais alcançassem. A parte circular mais ao topo da estrutura arquitetônica não foi possível ser pintada, como já havíamos previsto em nossas discussões anteriores, por isso, não nos frustramos.

Figura 38 — Limpando o local.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Nesse dia, estavam presentes todos os componentes do Coletivo, mas também vieram somar às nossas forças três pessoas: Neto, Biel e Josean, que ajudaram bastante, principalmente para deixar a estrutura toda branca, apta a receber a pintura. Embora mais pessoas contribuam para uma maior agilidade, é verdade também que podem dificultar um pouco o processo, ao passo que fica mais difícil de organizar as ações e redistribuir tarefas. Os membros do Coletivo que já

havia participado de outros momentos sabiam o que fazer, como e quando. Tivemos como fatores de atraso de nossa ação: as formigas, um galo cantante, o sol escaldante e o número de pessoas que passavam no local para puxar conversa, a falta de água, o receio de a polícia nos mandar parar, pois passavam de vinte em vinte minutos, e o barulho do carro que vendia *fortcap*. Tais fatores, apesar de terem retardado nosso processo, possivelmente tenham também dado a sua parcela de contribuição no modo como realizamos esse trabalho, pois “tudo é influência neste mundo” (ANDRADE, 1982, p.31), seja ela positiva ou negativa.

Como chegamos muito cedo ao local, por volta de 6h30, estávamos com fome. Enquanto alguns faziam a limpeza e a pintura base, fui comprar bolo e suco para o lanche. Ao retornar, a limpeza já estava concluída e estavam a aplicar a segunda demão de tinta branca. A alimentação era sempre pensada por mim, um dia antes da ação. Porém, na noite que antecedeu esta Proposição, tive que comprar algumas bisnagas de tinta e outros pincéis, o que me tomou bastante tempo, desse modo, acabei por esquecer.

Assim, devidamente alimentados, seguimos em nosso caminhar artístico, dessa vez acompanhados de outros integrantes. Biel (Figura 39) surpreende o grupo com tamanha força de vontade, agilidade e também criatividade. Lembro que estávamos reunidos e ele simplesmente chegou e ficou, não perguntou se podia, nem nada. Viu o que estávamos a fazer e começou a ajudar, simples e inocente, como toda criança. Achei fabuloso e o Coletivo também. Passados alguns minutos, o pai do garoto passou pilotando uma moto. O menino gritou pelo pai e, quando eu o vi, reconheci-o. Era Márcio, um amigo de escola, com quem eu havia estudado no Ensino Médio. Tinha muitas recordações dessa época, éramos bons amigos. Ele me cumprimentou, perguntou sobre o trabalho de arte e se o Biel podia ficar, eu disse que sim e, dali mesmo, o garoto já correu para pegar outro pincel e mais tinta.

Figura 39 — Biel experimentando materiais.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

O tempo passava e nos preocupávamos com o sol. Assim, a pintura foi sendo realizada de acordo com o local que fazia sombra. Abusamos de chapéus, bonés, óculos-escuros e protetor solar, principalmente.

Ao analisarmos a estrutura em que a pintura iria ser feita, percebemos que havia uma saliência em uma das laterais, bem no local em que havíamos planejado colocar umas faixas de cor. Começamos a pensar em como sanar o problema e foi assim que surgiu a ideia de fazer a medição com fita crepe, de modo que, ao nos afastarmos do local, a pintura parecesse ter sido feita em um local sem saliência. Esta protuberância no chafariz era o local onde, em outra época, as pessoas colocavam o balde para enchê-lo com água e, assim, facilitar o transporte.

Através de movimentos circulares em torno do chafariz, obedecendo ao movimento do sol em torno dele, a nossa arte foi sendo construída. Paramos apenas para o almoço (Figura 40), momento de descontração, mas também de avaliar o que havia sido feito até aquele momento. Os rostos de cansaço, acreditem, estavam também repletos de felicidade, pois era imensa a satisfação em poder modificar aquela paisagem através da arte.

Figura 40 — Almoço em grupo.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Após o almoço, descansamos um pouco e já retornamos às atividades. Afinal, o desejo de finalizar era grande por parte de todos. Gleyce foi a única a ir embora, pois necessitava ajudar a mãe em casa. Os demais permaneceram.

Em meio a tantos momentos interessantes vivenciados nessa Proposição, um merece ser mencionado, momento esse em que um homem nos afirmou cuidar de um centro de recuperação de dependentes químicos, sem receber ajuda nenhuma por parte da prefeitura local. O Coletivo ficou pensativo, mas não apenas em relação à história do rapaz, que começou a perguntar sobre o que iríamos realizar no tocante à pintura naquele local, sugerindo, inclusive, que fizéssemos um índio; mas pela sua disponibilidade ao nos trazer um saco de cal e um balde grande de tinta acrílica, simplesmente porque ouviu que, talvez, o que havíamos levado de tinta não fosse suficiente para a conclusão do trabalho. Não esperávamos que ele nos trouxesse o que fora prometido, mas, de repente, um rapaz chegou com esse material. Em meio a tanta gente que promete e não faz, essa ação nos deixou positivamente surpresos, foi um sopro de esperança. Encaminhamos nossos agradecimentos a ele pelo rapaz que trouxera as tintas e as conversas no grupo ganharam um outro tom, pois os jovens ficaram mais felizes e esperançosos ao saber e, principalmente, ao sentir que ainda existem pessoas que gostam de ajudar. Certamente, esse sentimento foi também estampado naquelas paredes. Sentimento esse que foi acrescido ao recebermos a visita de um garotinho, que tinha por volta de três ou quatro anos, acredito. Ele chegou com o pai e começou a observar-nos, declarando que estava ficando muito bonito o nosso trabalho. Saber da aprovação das crianças pela nossa arte era sempre um estímulo.

Passados alguns dias dessa realização, recebo, no nosso no grupo de *Whatsapp*, uma imagem (Figura 41) que me suscitou uma saudosa lembrança do que vivemos naquele dia. Talvez seja “justamente o caráter não verbal da comunicação artística que constitui o motivo concreto de a arte ser tão acessível e não exigir a erudição das pessoas para ser entendida. Exige inteligência sim, e sempre sensibilidade” (OSTROWER, 2013, p.28). A arte necessita apenas de humanidade para ser acolhida, abraçada, experienciada.

Figura 41 — Espectador da obra



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

3.7 Proposição VII

Esse ato propositivo ocorreu via redes sociais *Instagram* e *Whatsapp*, no mês de novembro de 2019, quando foi disponibilizado um questionário com perguntas abertas, propondo algumas reflexões acerca do processo formativo do Coletivo. Ao convidar os membros do grupo a responder esse instrumento de pesquisa, dei as opções de formato que as respostas poderiam ter, deixando-os mais à vontade. Sugeri áudio, escrita e vídeo. Entre eles, apenas dois optaram pelo áudio, os demais escolheram texto escrito. É válido ressaltar que as respostas mais intensas foram as produzidas em formato de áudio. Quiçá pela rapidez dos pensamentos, possuíam um caráter mais genuíno que aquelas que foram escritas, meticulosamente pensadas. “Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados” (CUNHA, 1997, p.187). Assim, o Coletivo acabou por revelar acontecimentos e vivências que passaram fora de minha percepção enquanto participante e pesquisador dentro do grupo.

A primeira pergunta a ser feita foi: o que mudou em vocês ao entrarem no Coletivo Aries?

Mudou quase toda a minha forma de pensar em relação à Arte Urbana. Hoje percebo, por exemplo, que um ambiente abandonado pela cidade pode "criar vida" quando utilizamos a arte. (Marília)

Mudou muita coisa, principalmente o modo como eu desenho. Consegui melhorar muito depois de minha entrada no Coletivo. Agora eu sei como começar, como terminar, como saber a tonalidade das cores, que cor colocar, qual é a ideal, o que fica mais bonito. Antes era totalmente diferente, eu só desenhava e pintava da cor que tinha, sem colocar branco com preto para ver se dava cinza, eu colocava apenas o que tinha, mas hoje sou totalmente diferente, eu faço como eu aprendi com o Coletivo Aries, e eu aprendi muita coisa, muita mesmo. (Gleyce)

Mudou a forma como eu via a arte, pois antes achava que era só um simples desenho ou pintura e nada mais, agora vejo a arte como algo mais amplo. (Nando)

Mudou bastante pra mim por que eu ampliei minha visão com relação à arte. Quais tons de cores a gente pode usar, quais formas artísticas podemos usar em determinado local e isso pra mim foi bastante útil e vou levar um pouco dessa arte pra vários lugares onde eu for. E agora sou apaixonado pela arte. Eu já era um amante da arte e depois do Coletivo

fiquei mais ainda, passei a gostar mais e a aprender com isso, aprendi muita coisa, a usar tons de cores, desenhar. (Renan)

As falas são reveladoras do processo de formação estética que fomos construindo desde a primeira Proposição até essa última. Ao mesmo tempo que são reveladoras, são também instigadoras, pois demonstram o potencial desses jovens, que possivelmente será replicado pelos lugares por onde passarem. Martins et al (1998) nos ajuda a compreender isso:

Ao desenvolver-se na linguagem da arte, o aprendiz apropria-se — lendo/produzindo — do modo de pensamento da própria arte. Essa apropriação converte-se em competências simbólicas porque instiga esse aprendiz a desvelar seu modo singular de perceber/sentir/pensar/imaginar/expressar e a ampliar sua possibilidade de produção e leitura do mundo da natureza e da cultura, ampliando também seus modos de atuação sobre eles. (MARTINS et al, 1998, p.162)

Esse desenvolver-se na arte mencionado pela autora transformou-se em desejo por realizar ações artísticas dentro das comunidades nas quais os integrantes do Coletivo estavam inseridos, o que gerou muitas falas em meio a amigos, familiares e até desconhecidos, pessoas que acabaram por admirar o trabalho do grupo e que ansiavam por ações similares em suas localidades. Como efeito dessas falas, surge a segunda pergunta: o que ouviram das pessoas com relação às ações artísticas do grupo nas ruas?

O nosso trabalho foi bastante elogiado entre meus familiares e amigos por conta de nossa determinação e talento, por assim dizer. (Marília)

Enquanto a gente fazia o trabalho, as pessoas já estavam comentando, lá, na hora, que estava muito bonito. Várias pessoas chegaram e vieram e disseram que estava bonito e tiraram foto, outras até ajudaram. Muito lindo, até minha mãe gostou. (Gleyce)

Ouvi muitos elogios, várias pessoas de bairros vizinhos nos deram parabéns pela iniciativa, disseram que os trabalhos artísticos estavam muito bonitos e bastante criativos. (Nando)

Ouvi um *feedback* muito bom, muitas pessoas gostaram porque, de alguma forma, a gente reestruturou, reviveu algo, o Coletivo acabou por dar vida a algo que estava oculto na comunidade. (Renan)

Elogios, claro. Percebi que ganhamos vários adeptos com a nossa maneira de fazer arte. Muitos agradecimentos. (Lucas)

O reconhecimento por essas ações veio pelas pessoas do município de Pacatuba, mas também por pessoas de fora, como no caso da matéria divulgada via Jornal O Povo, mencionando o grupo na ação que foi realizada dentro da comunidade do São José. Com relação aos moradores da localidade, foi interessante observar, nas redes sociais, a mudança de postura de quem passava pelos locais para tirar fotos, locais esses que antes não geravam interesse algum por parte dos transeuntes. Segue uma ilustração a caráter de exemplo (Figura 42):

Figura 42 — Jovem em frente à estrutura com trabalho do Coletivo Aries



Fonte: Instagram (2019).

Quando se está no meio do processo enquanto participante e ao mesmo tempo condutor, é difícil o transitar, pois ora você conduz, ora você é também conduzido. Assim, inquietou-me saber o que pensavam no grupo sobre a minha figura dentro desse percurso:

Eu o vejo como um bom amigo, alguém que compartilha algo que gosta sem nenhuma rivalidade ou discussão agressiva. (Marília)

Eu enxergo como professor, não vai deixar de ser um professor. A primeira pessoa que veio até mim para dizer que arte é arte foi você, professor, por isso que eu me encanto mais em desenhar e querer mais. É como um líder, é o nosso líder. O nosso professor que ensina. (Gleyce)

Primeiramente, como um colega de grupo, depois como professor e orientador (Nando)

É o pai de todos! O Ariclens nos guia, nos mostra como realmente é e como pode ficar. Nos orienta nos caminhos da arte. (Renan)

Vejo como um grande orientador. Como o time pode jogar bem sem o técnico, não é mesmo? Admiro demais. Sempre simpático conosco. Grande amigo! (Lucas)

Embora eu tenha tentado, de início, manter-me muito mais como um membro comum do que como professor, no decorrer do nosso caminhar, esse olhar foi ficando difuso e percebi que, sim, eu era o professor-artista-pesquisador, que não dava para dissociar os três em um processo que incitava a formação. Saber que eles também me enxergavam assim foi reconfortante. O que procurei, através do compartilhar, do propor ideias e conhecimentos, foi fazer com que o grupo se permitisse experimentar, pensar e fruir arte; que tivessem um percurso formativo estético, mas também humano.

Ao questioná-los sobre o poder da arte, responderam:

Com certeza o poder maior da arte é, sem dúvida, a representatividade, se você consegue, através da arte, mudar uma realidade, irá dar forças pra que outras pessoas consigam também. (Marília)

Tem o poder de dar vida a coisas mortas, temos como exemplo os lugares nos quais realizamos trabalhos de arte, tinha só um quadrado no meio do nada ou então uma caixa d'água abandonada num monte de lixo, a gente foi lá e fez um desenho. Mudou tudo! Era uma coisa que estava morta e agora está viva porque todo mundo vê. Entende? Muita gente passava e não via, agora eles passam e veem, porque tem algo de diferente lá, uma coisa nova, ela é inovadora, a arte. (Gleyce)

Para mim tem o poder de transformar o modo como pensamos ou vemos as coisas, pois um simples desenho pode nos orientar e dizer várias coisas que só quem conhece a arte sabe. (Nando)

Sim, a arte tem muito poder, porque a gente, de alguma forma, respira arte. A arte é muito importante pra todos nós. (Renan)

Sim, realmente tem um grande poder de transformar vidas! Como foi o nosso caso. Estou vendo e vivendo um novo mundo que não conhecia antes. (Lucas)

A jovem Gleyce, em seu relato, discorre acerca da mudança na visão das pessoas sobre aqueles locais. Afirma que, antes, as pessoas apenas olhavam para os lugares onde as práticas artísticas aconteceram e que, agora, elas os veem. “Em geral, olha-se sem ver. [...] Nossa visão é limitada, vemos o que compreendemos e o que temos condições de entender, o que nos é significativo” (PILLAR, 2008, p. 72-73). Ver é conceder significado. A arte, segundo Gleyce, através de seu poder, acabou por dar significado a esses “não-lugares”, espaços invisíveis. Aliados a esse pensar, os demais integrantes trazem a arte como elemento transformador de vidas e realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever esse tópico final, concluindo assim esta pesquisa de Mestrado, é uma tarefa que se apresenta de uma forma complexa, principalmente por se tratar de uma investigação na modalidade pesquisa-ação, que envolveu colaboradores e intervenções que se integraram à nossa formação, trazendo-nos dificuldade no estabelecimento deste corte para cumprirmos os prazos das exigências acadêmicas. Podemos dizer que, na presente seção, trazemos muito mais *inconclusões* do que propriamente conclusões. Afinal, um percurso formativo com jovens será mesmo que se conclui? As sementes plantadas não estarão em um eterno reverberar? Tornar-se-ão esses jovens eternos buscadores por conclusões?

Feitas essas colocações, retomamos os objetivos estabelecidos inicialmente, que são: investigar como um grupo de jovens do município de Pacatuba, no Ceará (o Coletivo Aries), constrói um percurso de formação estética em artes visuais, através de ações como a criação e o acompanhar um grupo de Arte Urbana; promoção de intervenções coletivas de artes visuais em Comunidades do município; elaboração de reflexões sobre o percurso formativo do grupo, bem como a produção de um vídeo/documento com a síntese de elementos dos processos de trabalhos do Coletivo durante a pesquisa.

Os nossos encontros, denominados Proposições, caracterizaram-se, como o próprio nome já revela, como momentos de construção coletiva, nunca impositivos, mas sempre propositivos, por meio dos quais as contribuições eram aceitas, pensadas, reformuladas e, por vezes, até mesmo testadas. Dessa forma, trilhamos, juntamente com o Aries, um caminho de formação, ora tortuoso, ora agradabilíssimo, através de momentos que foram importantes para as descobertas e questionamentos levantados nesta pesquisa.

Para que chegássemos até este ponto, foi essencial a colaboração por parte do Coletivo, através das inestimáveis contribuições que seus integrantes deram e do que produziram ao longo desse caminhar. Pelas criações em seus diários/cadernos de artistas, depoimentos e falas.

Ao apresentarmos a experiência do grupo com formação estética, demonstramos aspectos da criação, das possibilidades educacionais vistas para além dos muros da escola, fazendo-nos pensar/refletir sobre como aprofundar esses conhecimentos em arte, ampliando assim sua diversidade.

Advogamos ainda que, ao oferecer uma perspectiva processual formativa estética, trouxemos também para o centro da discussão aspectos relevantes da formação do artista-professor-pesquisador, gerando reverberações desse processo, instigando a outros no navegar por espaços diferentes daqueles aos quais estejam habituados.

Ressaltamos que, nessa trajetória, houve dificuldades, muitas delas encarnadas no trato com as opiniões diversas, nas intempéries do tempo, nos fatores sociais e psicológicos de cada indivíduo participante desse pensar/pesquisar.

O ápice da árdua tarefa em produzir pesquisa-ação com jovens foi ver-se de frente com a construção do pensar e fazer arte coletivamente, no ato da aglutinação das mais diferentes ideias ao longo do processo formativo. Na procura por superar esse desafio, foi primordial o fortalecimento das relações afetivas, o que se tornou parte indissociável do nosso trilhar. Relações essas vistas e sentidas pelos membros do Coletivo, mas também por aqueles que cruzaram nosso caminho em intervenções artísticas, estéticas, corpóreas, sensíveis e sociais. Havia mais que reconhecimento no olhar da criança para nossas ações nas ruas, havia felicidade, havia amor. Sentimento esse que transbordava, não apenas em nossos momentos propositivos, mas nos laços que íamos construindo com as pessoas das comunidades as quais adentrávamos. Sensação mais que ampliada em nossos momentos de refeições, fazendo-nos esquecer do calor, da poeira, da sujeira, do suor e de tudo mais que, por desventura, pudesse causar algum incômodo. Nossas refeições eram sempre regadas com muitas gargalhadas e sensações. Das comidas feitas na casa da avó de Renan aos lanches comprados no supermercado e servidos na rua, tínhamos o mesmo sentimento de gratidão pela partilha.

A Arte Urbana protagonizada pelo Coletivo, através de intervenções de artes visuais em comunidades do município de Pacatuba, acabou por redescobrir espaços até então invisíveis, dando a esses um novo aspecto, tornando-os possibilidades. Porém, mais importante que isso foi o percurso trilhado, os novos olhares, os aprendizados, os ensinamentos e, principalmente, a aliança entre estes. As ações

realizadas pelo Aries, por intermédio de seu processo de formação estética, contribuíram de maneira significativa para a melhoria da qualidade visual de espaços urbanos de comunidades de Pacatuba.

Expor/propor um modo de construir uma formação estética em artes visuais significativa foi, certamente, o maior subsídio desta pesquisa.

Um propositor está sempre aberto a receber contribuições e apto a contribuir. Mais importante do que a chegada é o percurso. A viagem importa bem mais do que o destino. Mesmo assim, optamos por construir um produto em formato de vídeo e o disponibilizamos na internet, com recortes dos nossos encontros propositivos. A gravação encontra-se no *Youtube* e na conta de *Instagram* do Coletivo Aries, contendo, em seu título, o nome deste estudo. Trata-se de uma síntese de elementos dos processos de trabalhos do Coletivo.

Ainda convém lembrar o tempo em que esta pesquisa se estendeu, de meados de 2018, antes mesmo da criação do Coletivo Aries, até início do ano de 2020. Esse período foi essencial para o amadurecimento de várias questões e a efetivação dos objetivos propostos por ela. No espaço de tempo em que estive transitando entre o ambiente formal e não formal de educação, amadureci minha prática pedagógica enquanto professor de arte da rede estadual cearense.

As reflexões geradas ao longo desta pesquisa não se findam por aqui, elas deixam no ar um reverberar. É possível replicar esse pensar/fazer arte? Será que essas construções vingaram por conta do local de atuação, apenas? Quais outros olhares posso tecer sobre esta investigação? Essas e outras perguntas ficaram em tom de inquietação, pois somente quando inquietos é que buscamos, é que nos dispomos a ir além, é que propomos algo novo.

REFERÊNCIAS

ALBANO, A. A. **História de Iniciação na Arte**. Em Aberto, v. 1, p. 85-95, 2007.

ANDRADE, Mario de. **A lição do amigo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

Arte Urbana e Formação Estética: a experiência com o Coletivo Aries. Youtube, Fortaleza, 02 de mar. de 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GWImjX8kwYc&feature=youtu.be> >. Acesso em: 02 de mar. 2020.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **As mutações do conceito e da prática**. In: BARBOSA, Ana Mae (org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr 2002, n.19, p.20-28. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413 Acesso em: Março de 2017

CARVALHO, Livia Marques. CAROLINO, Jaqueline Alves. **Abordagem Triangular e as estratégias de um educador social**. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira (orgs.). *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

CLARK, Lygia. **Lygia Clark**. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

COOMBS, P. H.; AHMED, M. **Attacking rural poverty: how non-formal education can help**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. R. Fac. Educ., v. 23, n.1/2, p. 185-195, jan./dez. 1997.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Belidson. **A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução** In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

_____; IRWIN, Rita L. (org). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Porque arte-educação?** São Paulo: Papirus, 1991.

Espaços urbanos ganham revitalização através de jovens voluntários. Paca OnLine, Pacatuba, 15 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://pacaonline.wordpress.com/2019/06/15/espacos-urbanos-ganham-revitalizacao-atraves-de-jovens-voluntarios/>>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

Em Pacatuba, jovens se reúnem para revitalizar espaços públicos. O Povo online, Fortaleza, 28 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/pacatuba/2019/06/27/em-pacatuba-voluntarios-se-reunem-para-revitalizar-espacos-publicos.html>>. Acesso em: 28 de jun. 2019.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari. **Encontros com arte e cultura.** São Paulo: FTD, 2012.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo. FUSARI, F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte.** São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 12^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FUSARI, Maria F. de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo. **Arte na Educação Escolar.** São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Eduarda. **Artista-professor: uma operação poética.** Revista da Fundarte - ano II, vol. II, n.4, p. 51-54 - jul. 2002/dez. 2002.

GUARALDO, Laís. **Diários gráficos compartilhados e a prática do desenho.** In: CIRILLO, Jose, Org.; GRANDO, Angela, Org.; BELO, Marcela, Org. Poéticas da Criação, E.S. 2016. Seminário Ibero-americano sobre o Processo de Criação nas Artes. Vitória: PROEX/UFES, 2016.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LANCRI, Jean. **Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em Artes Plásticas na Universidade.** In: TESSLER, E. & BRITES, B. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

MARANDINO, Martha. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008.

MARTINS, Miriam Celeste. **Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de Arte.** In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e mudanças no ensino de arte. São Paulo: Cortez, 2008.

_____.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer**. São Paulo: FTD, 1998.

MORENO, Márcia; NETTO, Marilnisi; PELLEGRIN, Ricardo de; MONEGO, Sonia. **O sketchbook didático: uma prática educativa com estudantes do curso de artes visuais –PARFOR**. In CIRILLO, Jose, Org.; GRANDO, Angela, Org.; BELO, Marcela, Org. *Poéticas da Criação*, E.S. 2016. Seminário Ibero-americano sobre o Processo de Criação nas Artes. Vitória: PROEX/UFES, 2016.

MOSÉ, V. (Org.). **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v.1, n.3, 2. sem./1996.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Editora Lda, 1995.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Universos da arte**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

PALLAMIN, Vera Maria. **Arte Urbana: São Paulo: Região Central (1945-1998): obras de caráter temporário e permanente**. São Paulo: Annablume, 2000.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino da arte**. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais**. In: TESSLER, E. & BRITES, B. *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

ROCHA, M. A.; MUNIZ, M. L.; Vivas R.; AZOUBEL, L. **Arte de perto**. São Paulo: Leya, 2016.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

_____. **Redes da criação: construção da obra de arte**. 2. ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SALES, J. A. M.; ARRAIS. G. A.; FARIAS, I. M. S. **O museu virtual de arte como espaço de educação estética**. Roteiro. Joaçaba, v. 39, n. 02, p. 487-514, jul./dez. 2014. Disponível em: <www.editoraunoesc.edu.br> Acesso em: 10 set. 2019.

_____. ; FIALHO. L. M. F.; LIMA, M. S. L. **A história da arte em blogs do Brasil**. Atos de pesquisa em educação. Blumenau, v. 10, n. 03, p. 971-997, set./dez.

2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2015v10n3p971-997>>
Acesso em: 07 set. 2019.

SANTOS, Andreia da Silva. **O vídeo e suas possibilidades artísticas e comunicativas**. Hipertextus Revista Digital, n.6, Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume6/>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SELBACH, Simone et al. **Arte e didática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SOGABE, Milton. **Arte e pesquisa na academia**. In: RIBEIRO, W.; ROCHA, T. (Org.). Das artes e seus territórios sensíveis. São Paulo: Intermeios, 2014.

SOUSA, Elizeu Clementino de; MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: UFSM, 2017. P.13-24.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TRILLA, J. **A educação não-formal**. In: ARANTES, V. A. (Org.). Educação formal e não-formal. São Paulo: Summus, 2008. p. 15-55.

VAZ, Tamiriz. **Pichação + arte + educação: outros olhares**. In: Revista Digital do LAV - Santa Maria - ano VI, n.10, p. 85-97 - mar. 2013.

ANEXOS

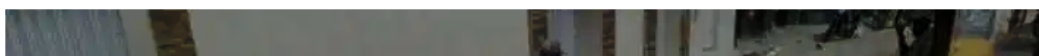
ANEXO A — MATÉRIA DE JORNAL SOBRE O COLETIVO ARIES NO PACA ONLINE

15 DE JUNHO DE 2019 | EDUCAÇÃO

Espaços urbanos ganham revitalização através de jovens voluntários

Nos últimos dias, os moradores de Pacatuba têm encontrado alguns espaços urbanos na cidade com um visual surpreendente. Jovens voluntários estão dando uma nova cara a locais conhecidos, porém, despercebidos por muitas pessoas. Com essa justificativa, nasceu a ideia da revitalização desses locais, a partir do Projeto de Mestrado em Artes do pacatubano Ariclenes Cassiano Costa. O professor da rede estadual de ensino do Ceará, Ari, como é conhecido, criou o coletivo Aries, com a participação de jovens que em algum momento foram alunos da disciplina de Artes.

A pesquisa busca investigar os modos de ensinar e aprender artes visuais, com jovens de comunidades diferentes, em um contexto não formal, com o objetivo de deixar registrado as marcas que ficam na paisagem, “principalmente no que chamo de não-lugares”, destaca o professor e artista visual. A ideia nasceu em 2018, com encontros nas praças públicas.



ANEXO B — MATÉRIA DE JORNAL SOBRE O COLETIVO ARIES NO O POVO**OPOVO** online

Notícias

Esportes

Divirta-se

Vida & Arte

Em Pacatuba, voluntários se reúnem para revitalizar espaços públicos Coletivo levou arte para locais da cidade(Foto: DIVULGAÇÃO)

Com a proposta de transformar locais que passam despercebidos pela população, os voluntários do Coletivo Aries têm dado novo visual aos espaços urbanos de Pacatuba. A ideia do projeto surgiu com a pesquisa para o mestrado em Artes, de Ariclennes Cassiano Costa, 30, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Segundo ele, que também é professor da rede estadual, os encontros do coletivo ocorrem sempre nas ruas e praças do município, para “pensar sobre arte e fazer arte”.

ANEXO C — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – GLEYCE



AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA DE MESTRADO

ADOLESCENTE

Gleycilene Rodrigues do Carmo, nacionalidade brasileira, menor de idade, neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal), Gleycilene Rodrigues, nacionalidade brasileira, estado civil divorciada, portador da Cédula de identidade RG nº 98020003570, inscrito no CPF sob nº 899 086 38 3-68, residente à Av/Rua Rua Anírsia Galdêncio de Sousa, nº 103, município de Pacatuba/Ceará. AUTORIZO o uso de minha imagem, som de voz e nome em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na produção de material de uso artístico/pedagógico e também na dissertação de mestrado de Antonio Aricles Cassiano da Costa, assim como também minha participação na pesquisa de mestrado do referido mestrando. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem, som de voz e nome acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Pacatuba, dia 02 de outubro de 2019.

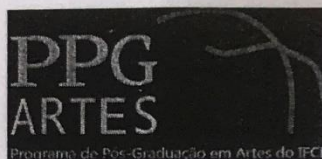
Gleycilene Rodrigues do Carmo
(assinatura)

Nome do adolescente: Gleycilene Rodrigues do Carmo

Nome do Responsável Legal: Gleycilene Rodrigues

Telefone do responsável legal p/ contato: 9-8662-2526

ANEXO D — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM - MARÍLIA



AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA DE MESTRADO

ADULTO

Neste ato, MARÍLIA DA SILVA CHAVES RIBEIRO, nacionalidade brasileira, estado civil SOLTEIRA, portador da Cédula de identidade RG nº 2.0004243422-2, inscrito no CPF sob nº 051651633-77, residente à Av/Rua CHAGA SILVA, nº 346 A, município de PACATUBA-CE /Ceará. AUTORIZO o uso de minha imagem, som de voz e nome em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na produção de material de uso artístico/pedagógico e também na dissertação de mestrado de Antonio Aricles Cassiano da Costa, assim como também minha participação na pesquisa de mestrado do referido mestrando. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem, som de voz e nome acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Pacatuba, dia 03 de Outubro de 2019.

Marília da Silva Chaves Ribeiro

(assinatura)

Nome: MARÍLIA

Telefone p/ contato: 85 84162632

ANEXO E — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – RENAN (GRIZZ)



AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA DE MESTRADO

ADOLESCENTE

RENAN BARBOSA DA SILVA SANTOS, nacionalidade BRASILEIRO, menor de idade, neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal), Tereza Cristina Barbosa da Silva, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil Solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº 2002030015961, inscrito no CPF sob nº 012.719.653-64, residente à Av/Rua P. Antonio Candido Bairro: Silveira, nº 36, município de PACATUBA /Ceará. AUTORIZO o uso de minha imagem, som de voz e nome em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na produção de material de uso artístico/pedagógico e também na dissertação de mestrado de Antonio Aricles Cassiano da Costa, assim como também minha participação na pesquisa de mestrado do referido mestrando. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem, som de voz e nome acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

PACATUBA, dia 22 de Setembro de 2019.

RENAN BARBOSA DA SILVA SANTOS
(assinatura)

Nome do adolescente: RENAN BARBOSA DA SILVA SANTOS (GRIZZ)
Nome do Responsável Legal: Tereza Cristina Barbosa da Silva
Telefone do responsável legal p/ contato: 989959471

ANEXO F — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – LUCAS (TISTU)



AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA DE MESTRADO

ADULTO

Neste ato, Lucas de Almeida Soares, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil SOLTEIRO, portador da Cédula de identidade RG nº 2017217436 2, inscrito no CPF sob nº 033 222 143 08, residente à Av/Rua Jose Ricardo da Silva, nº 71, município de PONTURA/Ceará. AUTORIZO o uso de minha imagem, som de voz e nome em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na produção de material de uso artístico/pedagógico e também na dissertação de mestrado de Antonio Aricles Cassiano da Costa, assim como também minha participação na pesquisa de mestrado do referido mestrando. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem, som de voz e nome acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

PONTURA, dia 25 de Setembro de 2019.

Lucas de Almeida Soares, (TISTU)

Nome: Lucas de Almeida (assinatura)
Telefone p/ contato: 85 (89) 226338

ANEXO G — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM – ANDERSON (NANDO)



AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA DE MESTRADO

ADULTO

Neste ato, José Anderson da Silva, nacionalidade brasileira, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº 2016066010-0, inscrito no CPF sob nº 620.628.123-02, residente à Av/Rua Rua 2 - Quadra D, nº 399, município de Pacatuba/Ceará. AUTORIZO o uso de minha imagem, som de voz e nome em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na produção de material de uso artístico/pedagógico e também na dissertação de mestrado de Antonio Aricles Cassiano da Costa, assim como também minha participação na pesquisa de mestrado do referido mestrando. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem, som de voz e nome acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Pacatuba, dia 20 de novembro de 2019.

José Anderson da Silva (nando)

Nome: José Anderson da Silva (assinatura)
Telefone p/ contato: 85. 98923-5863

**ANEXO H — CAPAS DOS CADERNOS DE ARTISTA DOS INTEGRANTES DO
COLETIVO ARIES**



ANEXO I — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE NANDO



ANEXO J — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE RENAN (GRIZZ)

ANEXO K — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE MARÍLIA



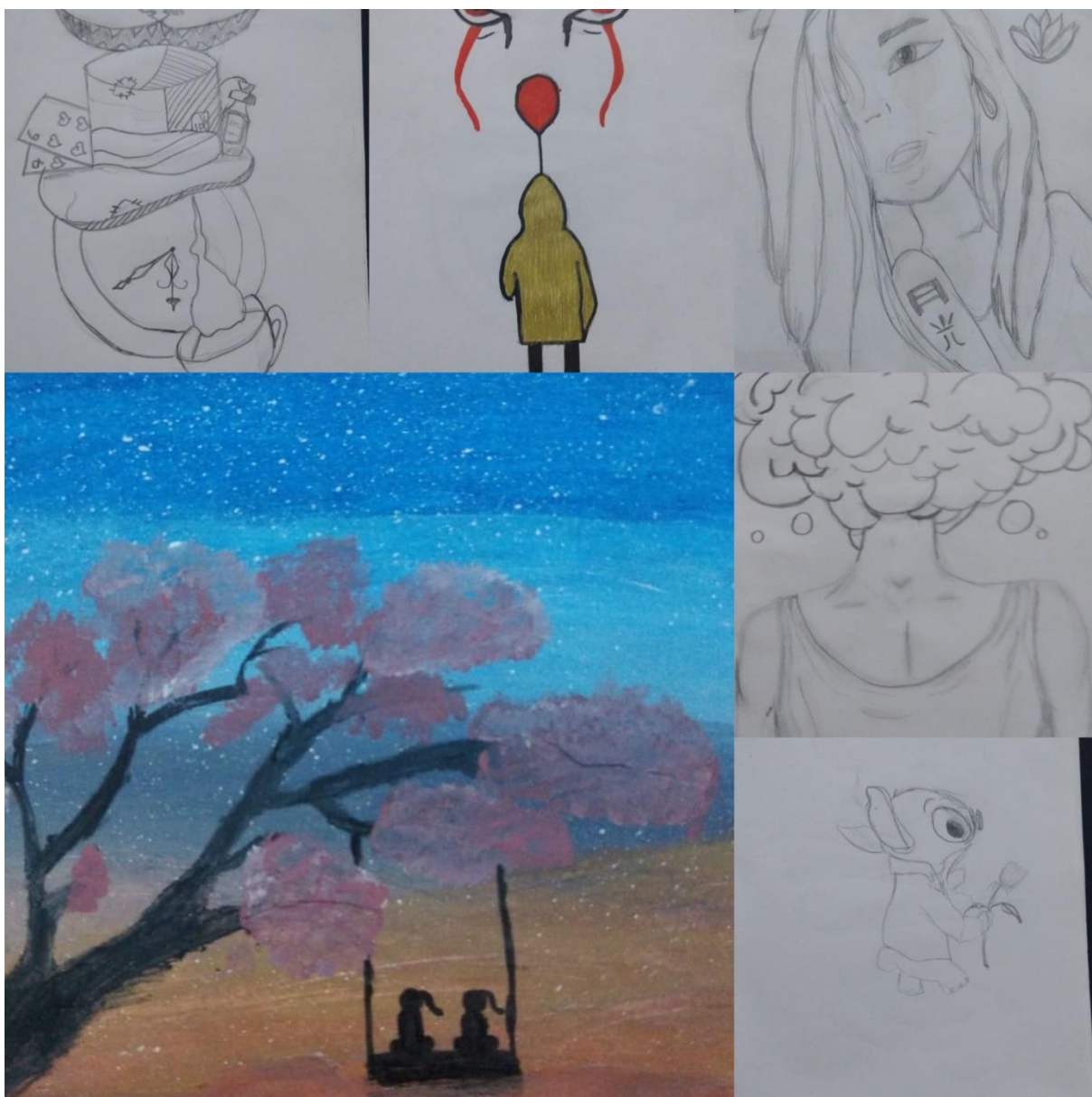
ANEXO L — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE LUCAS (TISTU)



ANEXO M — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE ARICLENES CASSIANO



ANEXO N — PÁGINAS DO CADERNO DE ARTISTA DE GLEYCE



ANEXO O — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 1



PROPOSIÇÃO 1 - _____

Dia: 20/11/18

Participantes

- 01 Lucas de Almeida Soares.
- 02 Renan Barbosa da Silva Santos (GRIZZ)
- 03 _____
- 04 [Signature]
- 05 Marília da Silva Chaves Ribeiro.
- 06 Jose Anderson da Silva
- 07 _____
- 08 _____
- 09 _____
- 10 _____
- 11 _____
- 12 _____
- 13 _____
- 14 _____
- 15 _____

ANEXO P — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 2



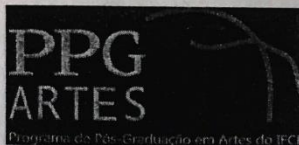
PROPOSIÇÃO 2 - _____

Dia: 13/04/19

Participantes

- 01 Lucas de Almeida Soares
- 02 Renan Barbosa da Silva Santos (Giz)
- 03 Gláucia Rodrigues do Carmo
- 04 Amélia da Silva Soares Ribeiro
- 05 José Anderson da Silva
- 06 _____
- 07 _____
- 08 _____
- 09 _____
- 10 _____
- 11 _____
- 12 _____
- 13 _____
- 14 _____
- 15 _____

ANEXO Q — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 3



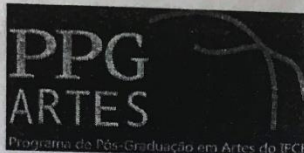
PROPOSIÇÃO 3 - _____

Dia: 31/05/19

Participantes

- 01 Luiz de Almeida Soares
- 02 Renan Barbosa da Silva Santos (Giz)
- 03 Marília da Silva Chaves Ribeiro
- 04 _____
- 05 _____
- 06 _____
- 07 _____
- 08 _____
- 09 _____
- 10 _____
- 11 _____
- 12 _____
- 13 _____
- 14 _____
- 15 _____

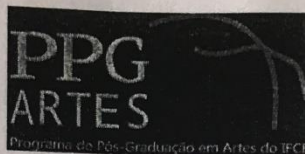
ANEXO R — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 4

PROPOSIÇÃO 4 —Dia: 08/06/19

Participantes

- 01 Lucas de Almeida Correa
- 02 Pedro Barbosa da Silva Santos (G122)
- 03 Mayana Rodrigues de Lima
- 04 Marcia da Silva Soares Ribeiro
- 05 Jode Amador da Silva
- 06 _____
- 07 _____
- 08 _____
- 09 _____
- 10 _____
- 11 _____
- 12 _____
- 13 _____
- 14 _____
- 15 _____

ANEXO S — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 5



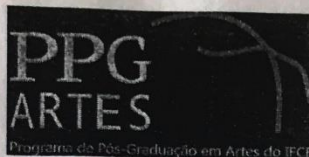
PROPOSIÇÃO 5 - _____

Dia: 02/08/19

Participantes

- 01 Lucas de Almeida Soares.
- 02 Renan Barbosa da Silva Santos (06/22)
- 03 Marília da Silva Chaves Ribeiro.
- 04 José Anderson da Silva
- 05 _____
- 06 _____
- 07 _____
- 08 _____
- 09 _____
- 10 _____
- 11 _____
- 12 _____
- 13 _____
- 14 _____
- 15 _____

ANEXO T — ASSINATURAS PROPOSIÇÃO 6



PROPOSIÇÃO 6 - _____

Dia: 17/08/19

Participantes

- 01 Lucas de Almeida Soares
- 02 Renan Barbosa da Silva Santos (GR12)
- 03 Gláucia Freixetas de Lima
- 04 Márcia da Silva Chaves Ribeiro
- 05 José Anderson da Silva
- 06 _____
- 07 _____
- 08 _____
- 09 _____
- 10 _____
- 11 _____
- 12 _____
- 13 _____
- 14 _____
- 15 _____